

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**Luiza Elesbão Sbrissa**

***SMARTPHONES E SUBJETIVIDADES: PRÁTICAS DE CONSUMO DE  
UNIVERSITÁRIOS(AS)***

**Santa Maria, RS  
2017**

**Luiza Elesbão Sbrissa**

***SMARTPHONES E SUBJETIVIDADES: PRÁTICAS DE CONSUMO DE  
UNIVERSITÁRIOS(AS)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia.**

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adriane Rubio Roso

Santa Maria, RS

2017

Luiza Elesbão Sbrissa

**SMARTPHONES E SUBJETIVIDADES: PRÁTICAS DE CONSUMO DE  
UNIVERSITÁRIOS(AS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Psicologia.**

Aprovado em 2 de maio de 2017:



Adriane Rubio Roso, Dra. (UFSM)  
(Presidente/Orientadora)



Adelina de Oliveira Novaes, Dra. (UNICID)



Sandra Rubia da Silva, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS  
2017

## AGRADECIMENTOS

Por mais que tenha sentido em diversos momentos o peso da solidão durante a rotina do mestrado, descobri que em momento nenhum estive realmente sozinha. O que estava parecendo a cada dia mais impossível aconteceu: a dissertação foi finalizada! Ao final desse percurso, percebo-me ser inteira gratidão.

Adri, minha companheira de “viagem” pelas ideias, que me enche de “paixão alegre” a cada encontro. Despertou em mim um lado criativo e permitiu dar vazão. Agradeço a ela por todas as oportunidades durante esses dois anos, acredito ter aproveitado cada uma delas, enriquecendo a experiência e o gosto pela docência e pesquisa. Sou imensamente grata pela aposta que fez em mim, pela escuta, por acreditar e trabalhar incansavelmente por um mundo melhor, por fazer tudo o que faz com paixão sendo fonte de inspiração.

A escrita da dissertação foi feita a muitas mãos. Agradeço a Anelize, Vanessa, Silvana, Bruna e Daiane por terem, assim como eu, desejado essa pesquisa e por cada uma ter dado o seu máximo para que fosse concretizada. Nos vimos uma vez por semana durante dois anos letivos, mais do que vimos outras pessoas importantes em nossa vida. Nossa relação foi crescendo, foi se tornando mais íntima, fazendo com que experimentássemos uma “sororidade”. Sinto orgulho dessa bela construção de amizade e de parceria de trabalho.

Agradeço aos participantes por terem se colocado à disposição da pesquisa e dividido um pouco de suas vidas. O período mais intenso de encontros foi o que mais me encantou. Agradeço à Prof<sup>ª</sup>. Sandra Rubia e à Prof<sup>ª</sup> Adelina Novaes que comporam a banca examinadora, pela disponibilidade em participar da qualificação desse trabalho e pela leitura que mostrou ser minuciosa, cuidadosa e sensível refletida nas contribuições. Os trabalhos de cada uma foram alicerces para a dissertação, portanto, foi uma hora tê-las ainda mais perto. Agradeço também a Prof<sup>ª</sup> Cláudia Perrone que trouxe reflexões e incentivo no momento de qualificação do projeto.

A todos os que ouviram (cansavelmente) que ainda faltava muito e que depois passaram a ouvir que “amanhã” eu terminava, lamento que, por vezes, acabem na companhia da minha pior versão. Angústia, mau-humor, desatenção, choro, reclamações... “E quem não fica depois de nos ver do avesso, não merece nenhum dos nossos outros lados”. Obrigada por poder contar com vocês nesse processo que foi tão intenso.

Aos meus pais por sempre acreditarem em mim e proporcionar um suporte afetivo e também financeiro, fundamentais para que eu possa ter o privilégio de fazer escolhas em

relação a minha carreira profissional. Obrigada por todos os finais de semana de “colo”, por escutarem os desabafos sobre as dificuldades e pelo apoio nos finais de semana que me ausentei. Agradeço, especialmente, à presença carinhosa da minha mãe nos dias de preparação para a apresentação e no dia da defesa, cuidando de cada detalhe, cuidando de mim.

Ao Marco Antonio, meu amor, meu igual e meu oposto, que transmite a leveza, simplicidade e calma que preciso. Obrigada por entender minhas ausências ou minha companhia pela metade no último ano. Obrigada por me animar com gestos delicados de cuidado. Lamento que pelo convívio diário, seja muitas vezes a minha válvula de escape nas tensões do estudo. Mas valorizo ainda mais a possibilidade de aprender contigo a ser melhor, a ser uma pessoa melhor e um casal melhor.

Ao grupo SMIC pelas reflexões profundas acompanhadas de cafés deliciosos nas sextas, com vocês aprendi que podemos fazer brechas na vida acadêmica e encontrar abrigo e motivação junto às pessoas que compartilham visões de mundo e que trabalham pautados na ética do cuidado. Agradeço aos meus colegas Cezar, Joy, Duda, Thaís, Alex, Thiago, Tati, Daia e Andressa, especialmente aos que se tornaram mais que colegas.

Espero poder retribuir o carinho e a ajuda que tive da Letícia, Luana, Samanta, Thaís e Mirela, amigas tão queridas por mim! Algumas se tornaram mais próximas, justamente, nos momentos sofridos. Cada uma com seu jeitinho tem importância imensurável na minha vida pessoal e profissional. Obrigada pelo cuidado, por me receber em casa nos meus momentos de desespero e de bloqueio, pelas jantãs e almoços, pelos encontros divertidos que me distraíam e renovavam, pela ajuda na escrita, pelo abstract, pelas leituras que fizeram da dissertação, por ouvirem falar dela mil vezes nos últimos anos e por repetirem mil vezes que estava bom sim. Agradeço à Fernanda, que por via *Whatsapp*, participou de intensas trocas teóricas, dividindo a experiência dela de mestrado em outro programa, forneceu muito incentivo do início ao fim. Agradeço também ao Anderson, amigo querido, que prontamente ajudou no cumprimento das normas de escrita, fazendo-se tão presente....

Obrigada de coração a todos eles que tornaram possível passar por essa etapa e concluí-la. Vocês me fazem ser mais.

*Você quer escrever. Certo, mas você quer escrever? Ou todo mundo te cobra e você acha que tem que escrever? Sei que não é simplório assim, e tem mil coisas outras envolvidas nisso. Mas de repente você pode estar confuso porque fica todo mundo te cobrando, como é que é, e a sua obra? Cadê o romance, quedê a novela, quedê a peça teatral? DANEM-SE, demônios. Zézim, você só tem que escrever se isso vier de dentro pra fora, caso contrário não vai prestar, eu tenho certeza, você poderá enganar a alguns, mas não enganaria a si e, portanto, não preencheria esse oco. Não tem demônio nenhum se interpondo entre você e a máquina. O que tem é uma questão de honestidade básica. Essa perguntinha: você quer mesmo escrever? Isolando as cobranças, você continua querendo? Então vai, remexe fundo, como diz um poeta gaúcho, Gabriel de Britto Velho, “apaga o cigarro no peito! diz pra ti o que não gostas de ouvir! diz tudo”. Isso é escrever. Tira sangue com as unhas. E não importa a forma, não importa a “função social”, nem nada, não importa que, a princípio, seja apenas uma espécie de auto-exorcismo. Mas tem que sangrar abundante-mente. Você não está com medo dessa entrega? Porque dói, dói, dói. É de uma solidão assustadora. A única recompensa é aquilo que Laing diz que é a única coisa que pode nos salvar da loucura, do suicídio, da auto-anulação: um sentimento de glória interior. Essa expressão é fundamental na minha vida.*

*(Caio Fernando Abreu, Correspondência. A José Márcio Penido. In: Caio 3D: o essencial da década de 70, 2005)*

## RESUMO

### **SMARTPHONES E SUBJETIVIDADES: PRÁTICAS DE CONSUMO DE UNIVERSITÁRIOS(AS)**

AUTORA: Luiza Elesbão Sbrissa  
ORIENTADORA: Dr<sup>a</sup> Adriane Rubio Roso

Esta dissertação objetivou analisar as práticas de consumo de *smartphones* por universitários na produção de subjetividades. Especificamente, investigou-se as interfaces entre o consumo e o consumismo na era das conexões. A análise foi ilustrada com os resultados da pesquisa empírica de abordagem qualitativa. A investigação foi sustentada, durante nove meses, em observação participante com anotações no diário de campo e encontros dialógicos realizados com estudantes que moram em um *campi* universitário, localizado na região sul do Brasil. Por meio de um enfoque psicossocial, recorremos à abordagem das Representações Sociais e aos Estudos da Cultura Material. Os constructos “comunidade”, “pertencimento” e “sociabilidades” foram utilizados para compreender os usos e significados atribuídos nas relações entre os participantes e seus *smartphones*. De modo geral, observamos os dispositivos participando do processo de ressignificação do espaço em que moram, que se caracteriza por ser tão coletivo, em um “lar”. Os *smartphones*, assim, sustentam e reinventam sociabilidades, unindo simbolicamente os aspectos mais importantes na vida desses(as) moradores(as), contribuindo na construção das suas subjetividades.

**Palavras-chave:** Psicologia Social. Representação Social. Subjetividade. Tecnologia.

## ABSTRACT

### ***SMARTPHONES AND SUBJECTIVITIES: UNIVERSITY STUDENTS' CONSUMPTION PRACTICES***

AUTHOR: Luiza Elesbão Sbrissa  
ADVISOR: Dr<sup>a</sup> Adriane Rubio Roso

This dissertation aimed to analyze the consumption practice of smartphones by university students in the production of subjectivities. We investigated specifically the interfaces between consumption and consumerism in the era of connections. The analysis has been illustrated with the results of the empirical research of qualitative approach. The research has been sustained for nine months in participant observation with notes in the diary field and dialogical meetings held with students living on a university campus located in the southern region of Brazil. Through a psychosocial approach, we turned to the Social Representations approach also to the Studies of Material Culture. The constructs "community", "belonging" and "sociabilities" have been used to understand not only the uses but also the meanings attributed in the relations among participants and their smartphones. In general, we observed the devices by participating in the process of re-signification of the space in which they live, which is characterized by being so collective, at "home". Smartphones, therefore, sustain and reinvent sociabilities, uniting symbolically the most important aspects in the lives of these residents, contributing to the construction of their subjectivities.

**Keywords:** Social Psychology. Social Representation. Subjectivities. Technology.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Bairro Camobi, Santa Maria, RS .....	26
Figura 2- Entrada da cidade universitária UFSM .....	27
Figura 3- Alojamento na União Universitária .....	28
Figura 4- Restaurante Universitário, União Universitária e SATIE.....	29
Figura 5- Churrasqueiras .....	30
Figura 6- Cobertores ou travesseiros para os animais .....	31
Figura 7- Materiais nas calçadas da CEU II .....	32
Figura 8- O colonizador e o colonizado .....	32
Figura 9- “Invisível até quando?” .....	33
Figura 10- “Não existe estrada...” .....	33
Figura 11- “Trabalhar e estudar por creches vou lutar”.....	34
Figura 12- “+ de 365 dias sem banheiro” .....	34
Figura 13- “Diga não ao racismo” .....	35
Figura 14- Sobrecarga.....	35
Figura 15- Feminismo em destaque.....	36
Figura 16- “Universidade 100% pública: criar poder estudantil” .....	36
Figura 17- O varal de roupas dos(as) moradores(as) se sobrepõe ao desenho .....	37
Figura 18- Sul .....	37
Figura 19- “Igualdade” .....	38
Figura 20- Evento “Café efêmero” .....	40
Figura 21- Três folders .....	41
Figura 22- Roda de conversa .....	42
Figura 23- Postagens no grupo do Facebook “Universo CEU II”.....	43

Figura 24- Janela de um dos apartamentos da CEU II .....	44
Figura 25- Poço de luz que interliga alguns apartamentos .....	46
Figura 26- Captura de tela feita por um smartphone .....	58
Figura 27- Fio da bateria que se parece com um cordão umbilical .....	78
Figura 28- A incorporação de um hábito gaúcho por um paulista.. .....	79

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Perfil sociodemográfico .....	50
---	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	A PESQUISA É UM PERCURSO QUE SE FAZ AO CAMINHAR: DO PROJETO À DISSERTAÇÃO.....	15
<b>2</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE CONSUMO E CONSUMISMO À LUZ DA ANTROPOLOGIA E DA PSICOLOGIA (SOCIAL)</b> .....	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>DOS TELEFONES CELULARES AOS <i>SMARTPHONES</i></b> .....	<b>19</b>
<b>4</b>	<b>MÉTODO: QUANDO O PERCURSO TOMA FORMA</b> .....	<b>21</b>
<b>5</b>	<b>O CAMPO DE ESTUDO</b> .....	<b>25</b>
5.1	A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA.....	25
5.2	O “UNIVERSO CEU II”: UNIÃO UNIVERSITÁRIA E CEU II.....	27
<b>6</b>	<b>OS(AS) MORADORES(AS), OS <i>SMARTPHONES</i> E A CASA “COMO É PRA NÓS”</b> .....	<b>46</b>
6.1	PERFIL DOS PARTICIPANTES DOS ENCONTROS DIALÓGICOS .....	48
6.2	PERFIL DO CONSUMO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA CEU II E UNIÃO UNIVERSITÁRIA .....	55
6.3	(RE)CONTANDO A HISTÓRIA DOS(AS) PARTICIPANTES: FRAGMENTOS DE VIDA.....	58
<b>7</b>	<b><i>SMARTPHONES</i>, SEUS USOS E SIGNIFICADOS: SOCIABILIDADES E PERTENCIMENTO</b> .....	<b>73</b>
7.1	COMUNIDADE, PERTENCIMENTO E SOCIABILIDADES .....	74
<b>8</b>	<b>(IN)CONCLUSÕES</b> .....	<b>84</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>87</b>
	<b>APÊNDICE A – FOLDER CHAMADA PESQUISA: ENCONTROS DIALÓGICOS</b> .....	<b>94</b>
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE APOIO PARA A PESQUISA</b> .....	<b>95</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação objetivou analisar as práticas de consumo de *smartphones* por universitários(as) na produção de subjetividades. Especificamente, as interfaces entre o consumo e o consumismo na era das conexões. O consumo tornou-se uma categoria central na constituição da experiência contemporânea (CAMPBELL; BARBOSA, 2006). Sob uma perspectiva cultural, é considerado um fenômeno abrangente, complexo, coletivo, que não se resume ao ato da compra ou da utilização de determinado bem e serviço. Todos os aspectos que envolvem o “consumir” são considerados, como: produção, aquisição, apropriação, fruição e descarte (MILLER, 2007; CASTRO, 2014). O consumo é, portanto, um conjunto de práticas sociais específicas que informam sobre modos distintos de apropriação e atribuição de sentido e valor (CASTRO, 2014) aos objetos. Consumismo, por outro lado, é uma forma de expressão humana que articula desejos com a lógica de um sistema econômico que retroalimenta a produção de subjetividades via recaptura destes mesmos desejos.

O consumo carrega ambiguidade, então, não nos enganemos ao dicotomizar os seus pareceres na contemporaneidade. “Em uma palavra, o consumo é algo suficientemente plástico para absorver confortavelmente toda sorte de culpabilidades” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1979/2004, p. 12). Ao assumirmos uma postura crítica, seguimos o pressuposto de que nada é absoluto, tudo contém sua contradição. A realidade ou um fenômeno não se encerra em um ponto de vista (GUARESCHI, 2009). O consumo não é péssimo, catastrófico e destruidor do planeta e da humanidade. Nem podemos afirmar que ele é maravilhoso, que só produz melhorias no desenvolvimento das sociedades. Esses pareceres comumente não dialogam, o que dificulta entender o fenômeno em sua complexidade. Da forma como entende Marková (2006), faz parte da capacidade da mente humana fazer distinções, isto é, pensar em antinomias. Todavia, esses aparentes opostos, esses pares antinômicos (consumo/consumismo e positividade/negatividade) estão intimamente interconectados e em constante tensão. Uma teoria crítica do consumo, entende que só pode haver um consumismo, se for também possível consumir de outra forma, uma forma mais engenhosa, realizadora, não apenas destrutiva, exploradora ou empobrecedora. O que movimenta esses pares antinômicos é o afeto, “tonalidade ou coloração que impregna a existência humana, em particular sua relação com o mundo” (ARRUDA, 2014). Por isso salientamos que um diálogo não é só exequível como necessário.

Dentre tantos aparatos tecnológicos, exploramos as práticas de consumo dos

*smartphones*, pois são símbolos populares das novas tecnologias. Como o próprio nome sugere (telefones espertos), eles diferem dos aparelhos celulares comuns por possuírem um sistema operacional móvel (TELECO, 2014), que administra todos os programas e funções que venham a oferecer. O que os tornam tão especiais é a capacidade de convergir mídias e o acesso à internet móvel. Tantas funcionalidades em um só aparelho, que relógios de pulso, câmeras fotográficas, agendas, GPS, televisões, rádios, *notebooks*, podem até ser dispensados.

Situamos as práticas de consumo na “era das conexões”, compreendida como um contexto sócio-histórico cultural atual caracterizado pela extrema vinculação com as tecnologias digitais (WEINBERGER, 2003), em especial as tecnologias de comunicação e informação. As relações pessoas-*smartphones* têm transformado, constantemente, as formas de viver no cotidiano, as dinâmicas sociais, o recebimento e a co-produção de informações, modificando, inclusive, as relações subjetivas<sup>1</sup> engendradas com esses objetos, mas ainda é preciso conhecer os efeitos que o consumo de *smartphones* produz nessas relações.

Há quatorze anos atrás, considerado um tempo recente no contexto de pesquisa brasileiro, a psicóloga Nicolaci-da-Costa (2002) defendia que a exposição à internet estava gerando profundas transformações subjetivas em homens e mulheres contemporâneos e denunciava a falta de reconhecimento disso por parte de muitos psicólogos. Assim como a Revolução Industrial no século XIX e XX instaurou novos modos de produção e estilos de vida no Ocidente, levando a emergência de uma organização psicológica (a noção de indivíduo), a Revolução da Internet continuaria tendo o mesmo potencial para transformações subjetivas radicais.

A subjetividade foi um construto importante para a estruturação da Psicologia como disciplina na ciência moderna, contudo ainda são empenhados esforços para defini-la (NOVAES, 2015). Uma tarefa que não é simples e que está sempre aberta a renovações, a fim de tentar dar conta de uma questão tão complexa: o ser humano e o que o constitui como tal. Moscovici, psicólogo social fundador da Teoria das Representações Sociais, compreende a construção das subjetividades na dupla mediação do sujeito social com o outro (MARKOVÁ, 2003). Isto significa dizer que, longe do sujeito nascer pronto, acabado ou até mesmo com uma essência, ele se constrói e se reconstrói nas interações que efetiva constantemente com os outros sujeitos, com o meio e com as coisas. Melhor ainda, seria dizer que o sujeito não está *em* relação, o sujeito *é* relação (GUARESCHI, 1998). Esse olhar integrador, possibilita

---

<sup>1</sup> As relações subjetivas referem-se ao “eu”, àquilo que é da ordem pessoal, correspondendo ao laço afetivo entre as pessoas (JODELET, 2009) e também com as coisas.

sacudir as posições dicotômicas objetivista e subjetivista que permeiam diversas áreas de conhecimento (JODELET, 2009; NOVAES, 2015). Pois nem tudo está no sujeito ou no exterior, mas na interdependência dos dois (MARKOVÁ, 2006), implicando reconhecer nesse processo dinâmico as dimensões cognitivas, afetivas, as produções de significado negociadas e compartilhadas e também as experiências singulares. Para pensar a questão do sujeito em novos termos e abordar sua constituição social, é necessário enxergar todo esse processo dinâmico articulado com “seus modos de subjetivação de maneira mais contextualizada e circunstanciada a partir do apelo a condições globais históricas, políticas, e econômicas e mesmo tecnológicas” (JODELET, 2015, p. 321).

Para entender o objeto de pesquisa (a construção das subjetividades) em dado tempo sócio-histórico (era das conexões), recorreremos à abordagem da Teoria das Representações Sociais (TRS) e aos Estudos da Cultura Material (ECM), sustentando-nos, portanto, em um enfoque psicossocial. Para conhecer, compreender ou experimentar o que quer que seja na vida é necessário dar sentido, é necessário representar. A realidade é construída (JOVCHELOVITCH, 2008) e essa construção não é feita de maneira isolada. Os sujeitos a todo o momento, via comunicação, transformam, partilham e negociam essas representações, por isso são sociais. As representações são carregadas de afetos, dinamicidade e tensão, funcionando como guias das práticas cotidianas (JOVCHELOVITCH, 2008; MARKOVÁ, 2006). A TRS busca compreender essas simbolizações, vislumbrando aí uma possibilidade de acessar as subjetividades (NOVAES, 2015).

Consideramos a variabilidade nas práticas de consumo diretamente conectada a diferentes sistemas de saber ou sistemas de representações<sup>2</sup>. Esse saber é tanto referente ao simbólico (por isso representacional), quanto concernente a elementos concretos (por isso da ordem de uma cultura material). No que se refere ao simbólico, podemos dizer que as pessoas não consomem apenas o objeto em si (sua materialidade), mas o que o objeto representa (seu simbolismo). As pessoas desejam aquilo que a representação do objeto significa, então, toda a prática de consumo se movimenta pelas representações.

Os ECM, por sua vez, dialogam com a TRS à medida que buscam reinserir o consumo no processo social, considerando seus significados simbólicos e materiais (MILLER, 2007; SILVA, 2007). Trata-se de uma teoria que chama a atenção para os aspectos materiais dos

---

<sup>2</sup> Fazemos uma distinção sutil entre saberes e representações. O segundo termo é envolvido pelas nuances de uma teoria (no nosso caso, a Teoria das Representações Sociais), enquanto saberes, ainda que significando o mesmo, remete ao linguajar comum, cotidiano. Utilizamos os dois termos de maneira intercambiável.

objetos, para o concreto e palpável, para nos dizer que a materialidade também opera sobre nós. Ao fazer isso, passa a ver a relação entre os sujeitos e os objetos como dialética. Dito de outro modo, os sujeitos modificam os objetos, tanto quanto, os objetos modificam os sujeitos. A inserção dessa teoria nos ajuda a pensar sobre a especificidade dos bens e da cultura, sobre a dimensão mais ampla da materialidade e seus efeitos nas subjetividades.

Partimos da premissa que os objetos em foco, os *smartphones*, tornaram-se essenciais na mediação das relações Eu-Outro-Mundo, produzindo efeitos nas subjetividades. Estaríamos nos tornando híbridos, tal qual “a imagem de um homem “melhorado” com a acoplagem da tecnologia” (KIM, 2004, p. 210) ou uma espécie de *ciborgues*, “sem nenhuma separação fundamental, ontológica entre técnico e orgânico” (HARAWAY, 2009, p. 91)? O que estamos nos tornando com o consumo dos *smartphones*? Quais os efeitos dessas práticas em nossas subjetividades? Como esses jovens estão construindo suas experiências universitárias e a si mesmos num contexto maquínico?

A fim de repensar o humano e as práticas de consumo de *smartphones* em termos de construção de subjetividades, escolhemos um campo empírico específico: uma casa de estudante universitário, localizada na região sul do Brasil. Esse campo de estudo foi escolhido por caracterizar a própria cidade e por abranger também um público jovem que nasceu ou cresceu em meio à revolução e a popularização das tecnologias digitais, desenvolvendo uma maior familiaridade. Uma geração que, ao menos parece, ter crescido “sendo atores, iniciadores, criadores, jogadores e colaboradores dessas mídias [...] estar conectados é condição essencial para eles (GROSSI et al., 2014, p. 7).

Somados aos esforços teóricos, a análise será ilustrada com os resultados da pesquisa empírica de abordagem qualitativa. A investigação foi sustentada, durante nove meses, em observação participante com anotações no diário de campo e encontros dialógicos realizados com estudantes que moram no *campi* universitário.

A dissertação foi organizada em seis capítulos temáticos: os dois primeiros trazem uma revisão teórica a fim de contribuir no entendimento do fenômeno consumo/consumismo e de contextualizar o objeto tecnológico *smartphone*, apresentando facetas da história sobre o advento dos telefones celulares, culminando nos modelos mais modernos. No terceiro capítulo, formalizamos o método, com o propósito de relatar a forma que conduzimos a pesquisa. No quarto capítulo apresentamos o campo de estudo e no quinto os participantes, para então, no sexto e último capítulo, esboçarmos uma análise das práticas de consumo dos *smartphones* nesse contexto.



## 1.1 A PESQUISA É UM PERCURSO QUE SE FAZ AO CAMINHAR: DO PROJETO À DISSERTAÇÃO

*Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais; caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar (Antonio Machado).<sup>3</sup>*

Iniciamos esta pesquisa com o objetivo de dissertar sobre as relações amorosas na interface com o uso dos *smartphones*, no *campi* universitário. Entretanto, quando se trata de uma abordagem qualitativa que envolve um trabalho de campo, o objetivo traçado no projeto é uma apenas uma expectativa. Ao entramos em campo, deparamo-nos com diversos elementos que complexificaram o roteiro que, tínhamos até então, do percurso a ser feito.

Enquanto pesquisadoras-caminhantes, estávamos conscientes da importância de ampliar nosso olhar para que fosse possível conhecer o campo; mesmo que esse conhecimento, independente de nossos esforços, sempre se dê de forma parcial. Os nossos aspectos subjetivos permearam as interações com os participantes, participando da redefinição do percurso. Ao caminharmos acompanhadas dos participantes, percebemos outros elementos interessantes que detiveram nossa atenção. Dentre esses elementos, destacaram-se algumas práticas de consumo dos *smartphones*, capazes de dar sentido e ressignificar o papel desses objetos em suas vidas. O estudo, então, recorreu aos constructos comunidade, pertencimento e sociabilidades para compreender os usos e significados atribuídos nas relações entre os participantes da pesquisa e seus *smartphones*.

Depois de termos da análise ter sido escrita, refletimos sobre o percurso que fizemos como um todo. Podemos dizer que ressignificamos o amor, vimos outros tipos de amor e maneiras de amar. Talvez a “relação amorosa” (afetiva) que mais tenha chamado a nossa atenção tenha sido a relação dos participantes com seus próprios *smartphones*.

### **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE CONSUMO E CONSUMISMO À LUZ DA ANTROPOLOGIA E DA PSICOLOGIA (SOCIAL)**

Os *smartphones* como conhecemos hoje são símbolos da inovação tecnológica. São produtos das adaptações e transformações dos meios de comunicação e informação, que já

---

<sup>3</sup> Versos de *Proverbios y cantares XXIX*, da obra de Antonio Machado “*Campos de Castilla*” (1912).

serviram as mais diversas atividades. Tanto os avanços científicos quanto as apropriações criativas dessas tecnologias por parte dos consumidores, foram corresponsáveis por transformá-las. Podemos afirmar que esse tipo de consumo na era das conexões mudou de forma, conteúdo, intensidade e finalidade. Mas para fazermos tal afirmação, primeiro definimos o que estamos entendendo por consumo. Por isso, neste momento, buscamos ampliar a visão sobre o fenômeno através da Antropologia do Consumo e da Psicologia, mais especificamente, Psicologia Social, pois é o lugar de onde falamos.

O consumo enquanto objeto de estudo das ciências sociais tem origem na década de 1980. Perpassam os campos da Economia, Antropologia, Sociologia e Comunicação (SILVA, 2010), e tem sido desenvolvido também pela Psicologia Social (e.g., MENESES, 1996; MANCEBO et al., 2002; CANIATO et al., 2010; KANAN, 2011; ROSO et al., 2012; TOMM; ROSO, 2013; ROMANINI; ROSO, 2013; ROMANI; WINCK; STREY, 2013). Todos esses campos abordam diferentes objetos de consumo, diferentes ângulos e entendimentos, alguns divergem entre si, outros se complementam.

Por muito tempo, as explicações mais difundidas sobre a razão do por que consumir centravam-se na satisfação das necessidades básicas ou no imperativo do mercado, baseadas em autores marxistas, nas teorias do consumidor e dos economistas (BARBOSA; CAMPBELL, 2006; BARBOSA, 2004), compondo um viés antimaterial. Consumir foi associado unicamente ao sistema capitalista e tornou-se sinônimo do moderno consumo de massas. Logo, passou a representar perigo, gastos de recursos e destruição, enquanto que a produção foi vinculada à criatividade. A história de uma postura moral do consumo foi sendo confundida com o consumo em si, comprometendo o entendimento do próprio fenômeno (MILLER, 2007).

Com o processo de globalização e a entrada de novos mercados, a sociedade ocidental observou valores distintos sobre formas de adquirir e fruir bens e serviços. Os argumentos usuais não conseguiram mais dar conta de explicar o fenômeno. Logo, os cientistas sociais foram buscar entender como as diferentes sociedades fazem uso dos objetos a sua volta, como se apropriam das inovações e das tecnologias, incluindo a dimensão cultural. O que passou a ser interessante também, é claro, aos profissionais da área empresarial (BARBOSA; CAMPBELL, 2006). Todo esse movimento resultou na percepção do consumo não mais como um todo homogêneo e na impossibilidade de separá-lo da cultura, ideia que já era familiar à Antropologia. O mesmo vale para a tentativa fracassada, nos sistemas modernos complexos, de distinção entre necessidades básicas, universais e supérfluas (SLATER, 2002; BARBOSA; CAMPBELL, 2006; CASTRO, 2014).

Os estudos da Antropologia do Consumo, inaugurados por Douglas e Isherwood (1979/2004) em “O mundo dos bens”, consideram o consumo como fenômeno típico da experiência social da modernidade. Para além da função utilitária, os bens carregam significados e atuam como sistemas de comunicação, produzem identidades, fixam ou sustentam estilos de vida, enfrentam mudanças ou criam permanências. É na esfera coletiva que os produtos e serviços realizam seu destino, retiram suas significações e elaboram sua ideologia. Se o tirarmos da interação humana, tudo será desmantelado.

O antropólogo Canclini (2006) enfatiza o valor do consumo e do significado deste na produção de subjetividades. Ao invés de enfatizar as possíveis negatividades do consumo, prefere encontrar o que o consumo produz e cria. Miller (2007) sinaliza que as práticas de consumo, muitas vezes, envolvem uma apropriação altamente produtiva e criativa, por parte dos consumidores, que é capaz de transformar os objetos com o passar o tempo. Outro autor, o historiador Certeau também “desloca a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos para a criação anônima, nascida da prática do desvio no uso desses produtos” (GIARD, 2012, p. 12). Para detectar esse caráter ativo é preciso considerar a visão das pessoas sobre suas próprias práticas. Na perspectiva material, o objeto consumido, ao invés de ser fonte de alienação, é tomado como manancial de criação e engenhosidade.

É necessário fazer uma diferenciação entre o que se quer dizer por consumo e consumismo, pois é recorrente serem tratados como equivalentes. Consumo não se resume ao ato de compra e não necessariamente resulta em aquisição. Envolve um sistema mais complexo, que sempre existiu (CASTRO, 2014) e que sofre constantes modificações, provocando efeitos em toda a organização da sociedade, como atenta Slater (2002). Consumismo caracteriza-se como um fenômeno moderno, ligado ao que comumente é designado como “sociedade de consumo”. Possui uma conotação pejorativa, sendo a exacerbação voraz e frequentemente irrefreável do consumo, que se “afigura como um contumaz e insensato padrão de consumo, o frenesi da aquisição (aparentemente) ilimitada e da conspícua acumulação de produtos e marcas” (CASTRO, 2014, p. 62).

A expressão “sociedade de consumo”, segundo Barbosa (2004), é utilizada, de forma geral, para referir-se a sociedade contemporânea, mas o que realmente irá significar dependerá da abordagem teórica que a embasa. A antropóloga alerta que devemos estar atentos às generalizações, pois mesmo que algumas sociedades sejam caracterizadas como de mercado, do ponto de vista cultural, o consumo pode não reger a diferenciação ou reprodução da identidade social, não configurando portanto uma “sociedade de consumo”.

Historicamente, no que se refere à Psicologia, podemos dizer que ela tem tido participação nesse campo de estudo de diferentes modos, embora, como lembrou Miller (2007), o domínio exercido por ela até os anos 1960 declinou consideravelmente. Um dos modos de participação refere-se à aplicabilidade de uma *expertise* psicológica na área da publicidade e propaganda com o intuito de reificar o consumo como um valor econômico. A forma de se posicionar em direção à reflexão sobre como os corpos de conhecimento teórico produzido pela Psicologia, pode contribuir para fazer operar uma economia de consumo. Gera um reforço, de certo modo, de um materialismo e consumismo.

Sob uma perspectiva antimaterial, outra vertente da Psicologia interessou-se pelo consumismo porque vislumbrou aí um devir psicopatológico, muitas vezes classificado como tratável ou analisável. As pessoas adoecem via consumismo ou o consumismo faz adoecer as pessoas. Centrada em uma perspectiva intrapsíquica, a Psicologia poderia intervir nesse circuito. O uso da internet, por exemplo, pode ser considerado um fenômeno clínico “psicopatológico”, como indicam Young e Abreu (2011). Estudos que avançam desde 1998, a partir de determinado viés da Psicologia, que os autores participam, configuraram uma nosologia para os efeitos do seu abuso e dependência. Utilizam os termos “comportamento compulsivo possibilitado pela internet” ou “compulsão de mídia digital”.

O consumo também pode ser um campo de estudo para a Psicologia Social. Guareschi (2009) indica que o primeiro passo do(a) psicólogo(a) social é se colocar em “situação de observação e escuta para poder compreender qual o mundo simbólico e significativo das pessoas ou grupos com quem entra em contato” (p. 100). Esforço esse, que também se faz necessário, para compreender as práticas sociais de consumo.

O fenômeno consumo é ampliado sob a luz da Antropologia e da Psicologia Social. A Antropologia do Consumo alerta que, para estudá-lo, devemos considerar os aspectos materiais e simbólicos, que vão desde à produção, apropriação e ao descarte dos bens e produtos (MILLER, 2007). Todo esse complexo processo está intimamente ligado à cultura global e local (SILVA, 2010). Ainda assim, a riqueza simbólica da experiência do consumo é capaz de configurar cada experiência como única (CASTRO, 2014), por isso o consumo deve ser sempre contextualizado, inclusive, com a história singular dos sujeitos. A Psicologia Social preocupada com o caráter ideológico<sup>4</sup> das práticas sociais, considera o consumismo interligado ao consumo, um pode conter o outro. Devemos sempre estar atentos à linha tênue

---

<sup>4</sup> Ideologias são compreendidas neste estudo como práticas e estratégias que estão ao serviço da criação ou reprodução de relações de dominação, que são desiguais e injustas (GUARESCHI, 2009).

que pode levar aos excessos e prejuízos consideráveis do consumo, não apenas num nível individual, isolado, mas em uma dimensão social. É preciso perceber a alienação e opressão que podem gerar, e também salientar o carácter ativo e criativo das pessoas, nas resistências e nas singularidades na aquisição e no uso de bens e serviços. Apostamos que o encontro dialógico entre esses dois campos de saber produz riquezas teóricas, capazes de romper com um pensamento polarizado sobre os fenômenos sociais.

## **2 DOS TELEFONES CELULARES AOS SMARTPHONES**

Investigar as práticas de consumo relacionadas à telefonia envolve conhecer a história do próprio aparelho, aproximando-nos de alguns aspectos materiais e simbólicos que envolveram e continuam a envolver sua fabricação e seu uso. Segundo Miller (2013), não podemos saber exatamente o que um *smartphone* é a partir de sua capacidade inerente, porque em geral só sabemos do que é capaz quando manifestado em uso e significado. Isso se expande a todos os bens e produtos, que passam a ter suas capacidades inerentes articuladas com as apropriações e incorporações feitas pelos consumidores. Os gêneros culturais que derivam desse processo podem não terem sido antecipados pelos criadores (MILLER, 2013), pois são resultantes do encontro (único) com o objeto. Em vista disso, apresentamos, neste capítulo, facetas da história dos telefones celulares até culminar nos *smartphones*. Além de uma contextualização internacional, trazemos um panorama nacional do consumo dos aparelhos por meio de dados quantitativos fornecidos pela Inteligência em Telecomunicações Brasileira (TELECO), que irão influenciar na definição desse objeto.

Dependendo da funcionalidade do aparelho em questão podemos datar um começo. O termo “telefone” surgiu em 1796 junto à invenção do escocês Graham Bell, consistindo em um dispositivo que permitia a comunicação entre duas pessoas afastadas, através de cabos que transmitiam sons por sinais elétricos (OLIVEIRA, 2007). Em 1838 surgiram sistemas fixos de envio de mensagens que enviavam sinais elétricos codificados, como o telégrafo elaborado pelo estadunidense Samuel Morse (LÁRIOS, 2003). Em 1921 em Detroit nos Estados Unidos, o uso de rádios em viaturas policiais foi considerado a primeira experiência com a comunicação móvel terrestre, no qual apenas uma pessoa podia se comunicar por vez. Salienta-se que as últimas duas tecnologias citadas foram empregadas e aperfeiçoadas em contexto militar de guerra. Em 1969 foi criado um transmissor potente que se fixava em lugares altos (*Improves Mobile Telephone System – IMTS*), mas que proporcionava uma cobertura pequena. Anos depois, em 1983 iniciou o sistema de telefonia celular norte-

americana (*Advanced Mobile Phone Service*) com sinal distribuído por vários transmissores, as “células”, por isso “telefonia celular”. Foi na Europa, poucos anos depois, que se operacionalizou o primeiro sistema de telefonia digital (GSM), superando o analógico de até então (SOARES; CÂMARA, 2016).

Na década de 80 uma nova fase da sociedade da informação foi iniciada com a propagação da internet e radicalizada com o desenvolvimento da computação sem fio, a partir da popularização dos telefones celulares, das redes de acesso à internet sem fio e da tecnologia *bluetooth*<sup>5</sup>. No Brasil, foi em 1990 que se implementou a telefonia celular que era estatal, especificamente no Rio de Janeiro. Nessa época, tanto o aparelho quanto os serviços eram extremamente caros, o que fazia com que o acesso fosse muito restrito. A tecnologia digital (CDMA) surgiu no final dos anos 1990, permitindo enviar e receber dados de forma parecida que realizamos hoje (OLIVEIRA, 2007).

Em 1997 é instalado um órgão regulador pelo governo federal, a Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL). A demanda cada vez mais crescia e a economia mundial se tornava cada vez mais globalizada. Nesse contexto, houve a privatização das empresas que, então, comprometeram-se oferecer um serviço cada vez melhor e maior para atender a população. O serviço pré-pago, lançado um ano depois, favoreceu a popularização do dispositivo pois custava menos e o consumidor poderia receber chamadas sem ser cobrado por isso (SILVA, 2010). Logo o mercado passou a oferecer modelos mais leves e com mais funções, permitindo uma posse para uso laboral e também pessoal.

O primeiro *smartphone* propriamente dito foi anunciado em 2007 pela empresa estadunidense *Apple* (SILVA, 2016). O dispositivo expressa a radicalização da convergência digital móvel, agrupando diversas funcionalidades (LEMOS, 2007). Em 2008, segundo a TELECO, havia uma densidade de 79 cel./100 hab., em contrapartida, o porte dos telefones fixos só diminuía (TELECO, 2009).

Ainda segundo os dados da TELECO (2016) em 2014, pela primeira vez, os *smartphones* corresponderam a 77,5% do total de celulares comercializados e tornaram-se o principal dispositivo de acesso à internet. O país terminou o mês de janeiro de 2017 com 243,4 milhões de celulares e densidade de 117,65 cel./100 hab., indicando aparentemente um número maior de celulares que habitantes. O Rio Grande do Sul, por sua vez, é o 5º estado brasileiro a possuir maior quantidade de aparelhos. O consumo da telefonia móvel faz o país

---

<sup>5</sup> Trocas sem fio de informações entre dispositivos. Fonte: BLUETOOTH. **Bluetooth**. 2017. Disponível em: <<http://www.bluetooth.com/>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

ocupar a 5ª colocação entre os maiores mercados do mundo, atrás da China, Índia, Estados Unidos e Indonésia. Atualmente oito operadoras disputam o mercado de telefonia móvel no país.

No entanto, não podemos nos deixar enganar pelos dados, como se praticamente todos possuíssem *smartphones* no país. Devemos considerar a distribuição irregular dos dispositivos devido à disparidade das condições socioeconômicas que afligem o país, em contraste com o envolvimento de sólido capital financeiro e interesses mercadológicos. No caso desta pesquisa, mesmo ampliando o critério de inclusão para participação para quem possuísse ou não um *smartphone*, não nos deparamos com quem não possuísse. Retornaremos a esse ponto mais adiante na análise. Mas não podemos ignorar as vulnerabilidades socioeconômicas na sociedade brasileira que são refletidas no *campi* universitário deste estudo, acreditando na onipresença das tecnologias, como alguns autores sugerem (WEINBERGER, 2003; MARTINO, 2014). Estamos tão conectados, sentindo-nos pertencentes a esse “mundo” globalizado e em rede, que podemos facilmente esquecer que muitas pessoas não têm o mesmo tipo acesso, com a mesma qualidade e nem contam com aparelhos com as mesmas funcionalidades. A imersão é tanta, que para Winocur (2009), quem está do lado de fora (da rede) é como se não existisse, em termos de visibilidade social.

### 3 MÉTODO: QUANDO O PERCURSO TOMA FORMA

Neste momento, descrevemos a forma (e não a fôrma!) que a pesquisa foi conduzida para alcançar os objetivos. Apresentamos tipo de estudo, local e população, as técnicas de construção de dados, análise do material e aspectos éticos envolvidos.

A dissertação esteve inserida no projeto guarda-chuva “Saberes, afeto e cultura material: experiências e vozes do consumo na era das conexões”<sup>6</sup>, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Além disso, apoiou seus estudos no Grupo de Pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação”. A pesquisa desenvolvida pela dissertação situa-se no escopo da produção científica na área da Psicologia Social, a qual em sua abordagem psicossocial, compreende que o psicológico e o

---

<sup>6</sup> O objetivo desse projeto maior é problematizar as interfaces entre as relações subjetivas (Eu-Outro-Mundo/Objeto) e as práticas de consumo ligadas à saúde na era das conexões.

social são indissociáveis, considerando o sujeito em uma perspectiva política e histórica (JODELET, 2009; SOUSA; NOVAES, 2013).

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, caracterizada pelo interesse em investigar os significados (simbólicos e materiais) dos fenômenos sociais, a partir da perspectiva dos participantes (FLICK, 2013). A elaboração de uma pesquisa nesse viés está aberta a (re)invenções resultantes do entrelaçamento entre metodologias, perspectivas teóricas e aspectos subjetivos das pesquisadoras. Zanella (2013) pontua que dessa forma é possível à ciência ver, rever e transver.

A população escolhida foi universitários(as) moradores(as) da Casa do Estudante Universitário (CEU II) e da União Universitária, localizadas no *campi* da UFSM, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Essas duas moradias delinearão nosso campo de estudo.

Estiveram envolvidas mais de uma técnica de construção de dados, são elas: (1) observação participante, (2) encontros dialógicos e (3) diário de campo. A pesquisadora autora da dissertação contou com o auxílio da equipe de pesquisa para efetuar-las. A equipe foi composta pela Professora Orientadora, uma Psicóloga, uma Comunicadora Social Relações Públicas e duas estudantes de Psicologia que desempenhavam atividades de iniciação científica. Durante os dois anos letivos correspondentes ao tempo do Mestrado, realizamos semanalmente um grupo de estudos com a temática das relações amorosas, subjetividades e o uso de *smartphones*, fazendo uma importante interlocução entre graduação e pós-graduação. Utilizamos como recursos facilitadores livros, artigos, filme, seriado, músicas, poemas, publicações nas mídias sociais, escrita e apresentação de trabalhos científicos em eventos. Para fundamentar as discussões buscamos aprofundar o estudo na Psicologia Social, tecendo um diálogo com os ECM. Além do engajamento teórico, a equipe se envolveu na pesquisa empírica, participando de algumas observações participantes, acompanhando alguns dos encontros dialógicos, transcrevendo e discutindo o material e a vivência em campo.

A observação participante constituiu elemento fundamental para a investigação, permeando todo o percurso. Exigiu que mergulhássemos no campo e entrássemos em contato com os participantes para conhecer e partilhar o cotidiano, visando poder sentir o que significava estar em determinada situação (QUEIROZ et al., 2007), neste caso em específico, morar no *campi* universitário. Para isso, buscamos estar junto às pessoas que circulavam pelos diferentes territórios do *campi*, como no *hall* da CEU II e no Restaurante Universitário (RU), nos bosques, em alguns dos eventos de lazer nos finais de semana, observando ou, então, aproximando-nos de universitários(as), servidores e profissionais da assistência estudantil. No geral, estivemos atentas às interações das pessoas com as outras pessoas, com os *smartphones*



e com os elementos dos espaços de lugar. Circulamos nos espaços comuns e entramos somente nos blocos ou apartamento nos quais éramos convidadas. Para nortear nossas interações com os(as) universitários(as), foi necessário, como preconizam Beaud e Weber (2007), que tivéssemos sempre em mente uma série de questionamentos.

Os encontros dialógicos foram complementares às conversas informais que aconteceram durante a observação participante. Foram caracterizados como encontros e não como entrevistas, devido ao seu caráter mais aberto e improvisado, sem um *setting* rígido ou preestabelecido, quando participantes e pesquisadoras interagem dialogicamente. Elaboramos um roteiro de apoio com perguntas organizadas em 5 eixos coerentes com os objetivos (Apêndice B). Compreendemos o pesquisar qualitativo como um processo criativo (ZANELLA, 2013), que permite a reinvenção de métodos e formas de produzir informações, por isso denominamos os encontros de “dialógicos”, termo derivado do constructo dialogicidade. Este está relacionado a capacidade comunicativa que possibilita que encontros efetivamente aconteçam (MARKOVÁ, 2006). Não busca chegar a um consenso ou a uma única visão de mundo, interessa-se pelas trocas comunicacionais e pela multiplicidade. Nas palavras de ROSO (2017, p. 9): “a dialogicidade é o processo que valoriza momentos explicativos/narrativos em que a pessoa expõe ou fala do objeto, ao mesmo tempo que envolve abertura, indagação e, principalmente, curiosidade para iluminar a problematização sobre o objeto”.

Transcrevemos os encontros dialógicos na íntegra e os que não foram gravados tornaram-se conteúdo para o diário de campo, bem como, as observações participantes. Os registros foram feitos de forma sistemática e subjetiva. Incluíram situações vivenciadas em campo, descrição dos diálogos, cenários, sentimentos disparados nas pesquisadoras, *insights* teóricos, fotografias tiradas, notícias jornalísticas e postagens resultantes do acompanhamento do grupo no *Facebook* “Universo CEU II”. Os registros dos acontecimentos que movimentaram a pesquisa somados à escrita implicada fizeram do diário de campo uma técnica reflexiva (CLIFFORD, 2011) e um elo entre as observações e a análise dos dados (NEVES, 2006). A pesquisadora autora, iniciou seu diário de campo juntamente com a escrita do projeto, correspondente ao ano de 2015, registrando suas expectativas, acontecimentos do seu cotidiano relacionados ao tema que a interpelou, finalizando o registro no diário em março de 2017.

A abordagem da TRS (em sua abordagem processual e dialógica) e os ECM sustentaram o processo de análise dos materiais de maneira interdisciplinar, buscando adensar as discussões. Concordamos com Miller et al. (2016) ao afirmarem que a visão de cada

disciplina pode trazer contribuições para a compreensão do fenômeno. Os autores também preconizam pela dinamicidade das definições e teorias a fim de acompanhar as tecnologias digitais e as mídias sociais. Por isso continuam surgindo “novos ângulos para que se possa examinar e compreender – quiçá transformar – as culturas do consumo (CASTRO, 2014, p.70). Sendo assim, é com um propósito complementar que a TRS e os ECM se inscrevem neste estudo. Ao buscar um diálogo entre as abordagens assumimos que “o bom senso, uma prática reflexiva e uma atenção crítica sobre as implicações epistemológicas existentes entre o método e a teoria empregados devem ser nossos guias” (GUARESCHI, 2003, p. 253).

Em consideração aos aspectos éticos, o projeto “guarda-chuva” foi devidamente registrado no Sistema de Informações para o Ensino (SIE)<sup>7</sup> e no Gabinete de Projetos de Pesquisa (GAP)<sup>8</sup> pela professora orientadora e pesquisadora responsável. Na sequência, foi registrado na Plataforma Brasil, na qual foi analisado e aprovado o Protocolo do Projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFSM. Tanto as conversas informais quanto os encontros dialógicos foram realizados com pessoas maiores de 18 anos, mediante conhecimento, consenso e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Mesmo que o contato para a realização da pesquisa tenha sido diretamente com os(as) universitários(as) participantes, foi aprovada pela Diretoria da CEU II a autorização institucional para a pesquisa proceder.

A fim de ir para além das exigências éticas protocolares, salienta-se que após a apresentação para a banca de defesa de dissertação e antes da publicação dos artigos em revistas científicas, será feita a partilha, individualmente e/ou em grupo, das análises com os participantes, de modo dialógico, para que os mesmos possam concordar, discordar ou sugerir novas perspectivas de análise. Também faremos um convite para apresentar os resultados à Pró-reitora de Assuntos Estudantis (PRAE). Coerente com a abordagem qualitativa adotada nesse estudo, é necessário haver uma co-responsabilização na construção de informações, pois não é possível conhecer o que quer que seja sozinho(o) e nem mesmo, como afirma Guareschi (2009), ser ético sozinho(a). Conhecimento e ética sempre se produz na alteridade. Por isto, todo método é uma forma de se produzir conhecimento na dialogicidade e não uma fôrma na qual os pesquisadores despejam seus conhecimentos para reificar a ciência.

---

<sup>7</sup> O projeto está registrado no Gabinete de Projetos do Centro de Ciências Sociais e Humanas sob o n.039397.

<sup>8</sup> CAAE: 45518415.5.0000.5346.

## 4 O CAMPO DE ESTUDO

Durante nove meses, de março à novembro de 2016, realizamos a pesquisa empírica junto à CEU II e à União Universitária, ambas pertencem à UFSM. A observação acompanhou todo o processo: fundamentou os primeiros registros feitos no diário de campo durante a elaboração do projeto e tornou-se participante com a imersão no campo. Vale destacar que a análise do material também não foi separada em uma etapa, ela iniciou desde a entrada no campo e em cada conversa entre a equipe de pesquisa. Os dados não estavam prontos e nem foram “colhidos”. Como pesquisadoras, interagimos com os dados e também os produzimos.

Neste capítulo, apresentamos o campo de estudo a partir das informações que reunimos mediante nossa vivência. Primeiro, apresentaremos a universidade de modo geral. Depois, especificamos o campo de pesquisa, a União Universitária e a CEU II, que compõem o “Universo CEU II”.

### 5.1 A UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) localiza-se na cidade de Santa Maria, no estado do Rio Grande do Sul. Santa Maria situa-se no centro geográfico do estado. É caracterizada pela multiplicidade que se dá pelo fluxo transitório de pessoas. Sedia a segunda maior concentração militar brasileira e um importante centro acadêmico com a criação da primeira universidade pública no interior do país, no caso, a UFSM. Em 2016, estimava-se 277.309 habitantes, com mais de 80% entre 15 a 59 anos (CIDADES, 2017). Por meio de rodovias (conhecidas como “Faixa Velha” e “Faixa Nova”, na direção leste da cidade) tem-se acesso à Camobi, bairro que sedia as duas importantes instituições: a cidade universitária sede e a Base Aérea de Santa Maria (BASM). O bairro conta com uma infraestrutura completa, com aumento crescente de centros comerciais e unidades residenciais, usualmente casas, mas com novas construções de edifícios de até cinco pavimentos, conforme previsto na Lei de uso do solo de Santa Maria (PREFEITURA DE SANTA MARIA, 2009). Camobi é um bairro plano, costado de morros verdes. Deriva daí seu nome, pois Camobi em Guarani significa “seios de moça” (Figura 1), em referência ao formato de dois morros arredondados que podem ser avistados de longe (BELTRÃO, 2013).

Figura 1- Visão panorâmica parcial do bairro Camobi, Santa Maria, RS



Fonte: JARARACA, 2009.

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) é reconhecida como excelência em Ensino, Pesquisa e Extensão oferecendo o maior número de cursos presenciais de graduação no sul do país (Figura 2). Faz-se presente em cinco *Campi*: Sede Santa Maria, Silveira Martins, Frederico Westphalen, Palmeira das Missões e Cachoeira do Sul. Começou sua história em 1960 com o Prof. Dr. José Mariano da Rocha Filho e teve sua federalização cinco anos depois. As atividades tiveram início no atual prédio da Antiga Reitoria, localizado no centro de Santa Maria (UFSMA, 2012), expandindo-se rapidamente. Apenas alguns cursos, como Direito, ainda se encontram nesse local.

Em 2017 são 29.276 estudantes matriculados, desse total 3.303 estudos por EAD. São 21.491 em Graduação; 5.395 Pós-Graduação, 558 Médio, 1.832 Pós-Médio. Em relação aos servidores são 4.716, divididos em diversas unidades de exercício (UFSM, 2017a). Reúne os Centros: Ciências da Saúde, Ciências Rurais, Artes e Letras, Ciências Naturais e Exatas, Tecnologia, Ciências Sociais e Humanas, Educação e Educação Física e Desportos (UFSM, 2017b). Agrega Hospitais, Restaurantes Universitários, Bibliotecas, Centro de Eventos, Planetário, União Universitária e Casa do Estudante Universitário (CEU) - foco desta pesquisa - entre outros espaços. De fato, a UFSM é reconhecida por possuir uma das melhores

e maiores assistência estudantil do Brasil. Corroborando com isso, alguns jovens disseram que o bom atendimento e esclarecimento de dúvidas por telefone e as informações mais completas fornecidas no site sobre a infraestrutura pesaram na escolha pela UFSM.

Figura 2- Entrada da cidade universitária sede da UFSM



Fonte: Diário de Campo de Vanessa Lucchese, 2016.

## 5.2 O “UNIVERSO CEU II”: UNIÃO UNIVERSITÁRIA E CEU II

A Casa do Estudante Universitário foi criada em 1968 por meio de muita luta, especialmente por parte dos(as) estudantes, a fim de possibilitar que os mesmos que se encontravam em vulnerabilidade econômica mantivessem seu estudo. Inicialmente eram cobradas mensalidades e apenas podiam residir homens. Depois de várias ocupações, movimentos estudantis e greves, frente à demanda cada vez maior, mais blocos foram construídos e mais programas de assistência conquistados. Atualmente, configuram-se quatro complexos: a CEU I localizada no centro da cidade, a CEU II na cidade universitária, juntamente com a CEU III para os pós-graduandos e com a União Universitária. Os quatro complexos contabilizam 2047 vagas para moradia (CEU, 2015).



A União Universitária é um alojamento provisório, responsável por acolher os(as) estudantes que estão em processo de avaliação para do benefício socioeconômico (BSE) ou que já possuem mas estão aguardando uma vaga na CEU II. Localiza-se em cima do Restaurante Universitário (RU), próximo à CEU II. Conta com um alojamento feminino, um masculino e um misto, com armários individuais, dois banheiros, uma sala de informática, um hall para socialização com sofás e televisão e uma cozinha. O espaço é estruturado para abrigar até 200 pessoas. Os(as) estudantes menores de 18 anos vão diretamente para o bloco 34 até completarem a maioridade (Figura 3).

Figura 3- Imagem de um dos alojamentos na União Universitária



Fonte: Reprodução da fotografia de Mirella Joels autorizada, 2016.

A CEU II é composta por quatro prédios, divididos em vinte e três blocos, com 483 apartamentos e também conta com uma área de lazer externa com churrasqueiras e quadras de vôlei e futebol (Figura 4 e Figura 5). Existem apartamentos de dois, quatro e seis vagas (para homens e mulheres). O estudante precisa ter o BSE para residir na CEU, logo, as 1600 vagas estão ocupadas por estudantes com BSE. Segundo a última contagem feita, são 719 homens e 755 mulheres. Além da moradia, eles têm o direito a bolsas, a gratuidade do RU e outras atenções à saúde proporcionadas pelo Setor de Atenção Integral ao Estudante (SATIE). Para ter acesso a esses direitos, o estudante deve estar regularmente matriculado em curso

presencial, ser brasileiro nato ou naturalizado e participar do Processo Seletivo, regido por edital publicado a cada semestre<sup>9</sup>. A renda *per capita* utilizada como critério para o ingresso é igual ou inferior a 1,5 salário mínimo, no entanto, outros fatores vivenciados pelo estudante ou pela família, que podem impactar a avaliação socioeconômica, são levados em conta (CEU, 2015). Há previsão de construção de mais quatro blocos, sendo dois para serem entregues ainda este ano e outros dois para 2018 e, ainda, uma casa indígena, acrescentando ao total 504 vagas. De acordo com os dados repassados no Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assistência Estudantil (FONAPRACE), com a finalização dos novos blocos, a universidade terá a maior moradia estudantil da América Latina.

Figura 4- No prédio à esquerda localiza-se o RU, no térreo e no andar de cima, a União Universitária e o SATIE. O outro é um dos blocos que compõem a CEU II



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

---

<sup>9</sup> Ver mais em Edital nº 004/2017 (Processo seletivo BSE da PRAE UFSM): <http://site.ufsm.br/arquivos/uploaded/editais/54a329cc-4417-4172-9268-e8795511042e.pdf>.

Figura 5- Churrasqueiras espalhadas na área externa que contorna a CEU II



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa

Os diversos animais circulando pelos blocos e apartamentos, curiosamente, também fazem parte do cenário da CEU II. Em cada entrada nos deparamos com potes de água e de comida. Aos poucos fomos escutando que os gatos e os cachorros tinham nomes, vimos que no inverno vestiam roupas e que alguns deles foram adotados por moradores(as), enquanto outros recebiam cuidados coletivos. De dia, os animais andavam pelo *campi*, pelo hall do RU e à noite iam dormir com os(as) moradores(as) nos apartamentos ou nas camas arrumadas nos corredores (Figura 6). Diversas vezes, durante conversas informais com os(as) moradores(as), os cachorros se achegavam, recebiam carinho, brincadeiras, atenção, fazendo parte daquele convívio tão plural. Entendemos essa relação com os animais como um modo de afeto e manutenção de um “sentido de lar”. De fato, como salientou Frigiola (2009), cachorros, assim como outros animais de companhia têm um importante papel na cultura material.



Figura 6- Alguns dos vários cobertores ou travesseiros para os animais, espalhados nas entradas dos blocos da CEU II



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa

Também nos chamou atenção os blocos antigos e esquecidos, em contraste com as reformas sendo feitas em outros. Janelas, tijolos, pedaços de madeira na calçada, por vezes colchões e uma quantidade enorme de grafites, de variados tamanhos e cores, enfeitam as paredes descascadas, rachadas, mofadas, marcadas pela passagem do tempo. Porém, os grafites não deixam “esconder toda a sujeira embaixo do tapete”. Ficamos encantadas com a beleza e a dureza dos desenhos e das frases que querem comunicar, fazer visível o que quase ninguém vê: as existências que se ignora. Identificados com as lutas de antepassados, os jovens reatualizam as suas lutas cotidianas, que resistem nas paredes (Figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19).

Figura 7- Materiais que encontrávamos, frequentemente, nas calçadas da CEU II



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 8- O colonizador e o colonizado



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.



Figura 9- “Invisível até quando?”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 10- “Não existe estrada, casa, droga, roupa, dinheiro, posição social, asa-delta, esconderijo, paixão que garanta a sua liberdade, só o conhecimento”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 11- “Trabalhar e estudar por creches vou lutar”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 12- “+ de 365 dias sem banheiro”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 13- “Diga não ao racismo”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 14- Sobrecarga



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.



Figura 15- Feminismo em destaque



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 16- “Universidade 100% pública: criar poder estudantil”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 17- O varal de roupas dos(as) moradores(as) se sobrepõe ao desenho



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 18- Sul



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 19- “Igualdade”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

No que se refere ao funcionamento interno, a CEU II é dirigida e administrada por uma direção executiva denominada “Diretoria” com um mandato de um ano, composta por moradores(as) da casa, eleita diretamente pelos mesmos. Essa instância goza de certa autonomia e prioriza dar conta de eventuais conflitos, mas possui apoio e gestão compartilhada com a PRAE. Além disso, é eleito e formado durante o mesmo período, o Conselho de Moradores, com atribuição legisladora, deliberativa e fiscalizadora da Diretoria, sendo composta por um morador de cada bloco, dois representantes da União Universitária e um da Diretoria. Extraordinariamente, são convocadas Assembleias Gerais com alguma pauta específica.

No primeiro semestre de 2016, concomitante com o início da nossa pesquisa, houve uma mudança importante em relação ao ingresso na universidade, com a extinção do vestibular e a adesão no Sistema de Seleção Unificada (SISU). Houve quase o preenchimento completo do número de vagas dos cursos disponíveis. Esse sistema de ingresso refletiu diretamente na CEU II, que não estava preparada para receber esses(as) estudantes. A situação atípica mobilizou diversas instâncias da universidade, por conta da superlotação da União Universitária. Esta não sendo suficiente, como alternativa era possível aos(às)



estudantes ficar provisoriamente nos salões (com colchões) e casas do Centro de Eventos ou então alugar um apartamento com o dinheiro de uma Bolsa Permanência (R\$400,00). Ouvimos relatos de jovens das mais diversas regiões do país, como Natal, Brasília, Fortaleza, Curitiba, interior paulista etc. sobre o período de dificuldade para se estabelecer. Nem todos conseguiram aprovação rápida do BSE, vaga na União ou na casa e ficaram um pouco assustados com a situação em relação às acomodações. Porém, persistiram e, alguns deles, depois da situação ter se estabilizado com nova fiscalização e distribuição de vagas na casa, optaram por permanecer no Centro de Eventos, pelos laços que haviam feitos com os colegas de moradia nesse período mais difícil. O relato de um dos universitários, que veio do interior do Paraná, ilustra esse primeiro momento de descoberta:

Então quando eu cheguei no dia 4 [depois da distribuição da Bolsa Permanência], veio eu e minha mãe. Daí a gente deixou os papéis lá na PRAE e eles já encaminharam para o Centro de Eventos. A gente chegou lá, eu deixei um monte de mala e colchão. Eles ainda tavam montando algumas beliches, eu fiquei meio apavorado, eu falei: “Mãe, eu não quero ficar aqui!”. Daí ela falou: “Então vamos embora!”. Porque ela não queria que eu viesse estudar pra cá. Então, o coração dela tava bem, bem apertado. Só que daí eu pensei, pensei em tudo o que eu já tinha feito até chegar aqui. Vir me matricular. Todo o investimento que já tinha sido, eu já tinha abandonado o meu trabalho lá. Já tinha me desligado de tudo. Daí eu falei que ia fazer uma experiência de um mês. Ela já deixou bem certinho o dinheiro pra minha passagem de volta, caso naquela semana ainda eu, desse a louca e quisesse voltar. [...] Foi diferente porque a minha cidade tem mais ou menos 16 mil habitantes. E lá é tudo muito conservador, então, quando eu cheguei aqui, primeiro, eu achei que eu não ia me adaptar [...] Mas foi uma experiência única, acho que foi a melhor coisa que eu já fiz. Ter esse contato sozinho. (Arthur, morador da CEU II).

A Diretoria é uma das responsáveis por manter disponível a lista de vagas nos apartamentos da CEU II, contando também com a iniciativa dos(as) moradores(as). Em alguns casos, é necessário a intervenção da PRAE, que procura ser mínima. Muitos(as) universitários(as) recém-chegados conseguem direto uma vaga sem passar pela União, ou esperam um tempo, relativamente curto, para conseguir. Mas o preenchimento das vagas gera muitos conflitos, que pudemos observar. Muitos(as) moradores(as), tanto da União ou da CEU II, reclamaram e denunciaram a falta de fiscalização e de honestidade. São os(as) próprios(as) moradores(as) que possuem autonomia para manejar as vagas e escolher seus futuros colegas. Ocorre desta forma justamente para aumentar as possibilidades de uma parceria mais afim e de um convívio mais agradável. Apesar desta autonomia dar essa margem de liberdade, os(as) moradores(as) devem fazer contato com quem está chegando e preencher o mais rápido possível as vagas disponíveis. Mas nem todos fazem, alguns seguram vagas esperando alguém que conhecem, outros dizem que já estão dividindo o quarto, quando

na verdade não estão para ficarem sozinhos, entre outras queixas. Ainda assim, se as vagas não são preenchidas em quinze dias deve ser realizado um sorteio como alternativa. Ficou claro que os conflitos gerados em relação à moradia movimentam os(as) estudantes, questões essas que não cessam por completo a cada início de semestre. Elas potencializam alianças, ajudas mútuas, um exercício de tomadas de iniciativas, mas também gera sofrimento, rivalidades e discussões.

Conseguir uma vaga e morar na CEU II implica um processo de ressignificação do espaço, que se caracteriza por ser tão coletivo. As mobílias e outros objetos afins participam ativamente do processo de elaboração de um lar. Esse processo envolve negociações entre os moradores para que o espaço ocupado por eles se torne pessoal mas também coletivo. Grande parte dos móveis que preenchem os apartamentos carregam uma impessoalidade, pois já foram de antigos(as) moradores(as) e, como hábito, serão passados para os(as) moradores(as) seguintes: “aqui, tu tá numa situação que tipo ninguém é dono de nada. Eu tô aqui, mas tô num quarto assim ó, não posso fazer o que eu quiser com as coisas, porque as pessoas que vem depois pode precisar, que nem a mesa, cama, ou qualquer coisa” (Luana, moradora da CEU II). Então, poder, minimamente, escolher algumas coisas para colocar no quarto ou mudar disposição dos móveis, por menor que o quarto seja, é uma tentativa de se sentir mais aconchegante, na sua intimidade, perto das coisas que gosta: “Tem a minha cama que é a parte de cima da beliche e aí eu botei umas fotos assim do lado, mas tipo não é aquele lugar que tu diz ‘nossa, aqui é o lugar que eu me sinto mais a vontade do mundo’, que geralmente é o nosso quarto, ainda não é assim sabe, mas eu espero que com o tempo melhore” (Ana, moradora da CEU II).

Ao conhecermos a CEU II, fomos apresentadas a um universo à parte, com todos os elementos que produzem múltiplas existências, sociabilidades, subjetividades: organização de protestos, realização de missas, grupos de estudos, rodas de debate, times de futebol, sarau literário, cine debate, boate da União, além das oficinas socioeducativas que acontecem em parceria com o SATIE, como de xadrez, costura, dança do ventre entre outras (Figura 20, Figura 21 e Figura 22)

Figura 20- Evento “Café efêmero” que ocorre todas às quartas-feiras à tardinha, com o fomento do SATIE e condução pelos(as) moradores(as). Reúne poemas, músicas e declamações de poemas a partir do “microfone aberto”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 21- Três folders divulgando: uma oficina de *fanzine*, uma missa e um projeto institucional. Foram fixados em uma porta de um dos blocos da CEU II



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Figura 22- Roda de conversa sobre situações de violência contra as mulheres e machismo, para as moradoras da CEU II e União Universitária



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Esse universo é regido por regras e normas próprias, co-determinadas pelos(as) moradores(as), mas também, fortemente institucionalizadas. Como atos de resistência e criatividade, há uma circulação de um comércio clandestino, ilegal, subterrâneo, uma forma criativa de gerar renda e facilitar o acesso a produtos e serviços mais baratos e mais próximos. Uma das moradoras nos disse que havia de tudo ali, que nem precisava sair, como se fosse uma cidade dentro da cidade. Os apartamentos transformam-se em mercadinhos, lancherias; os(as) moradores(as) anunciam serviços como de manicure, venda de produtos de maquiagem, venda e doação de roupas novas e usadas, móveis e eletrodomésticos que eram de uso próprio, produção e venda de negrinhos, rapaduras, *donuts*, pastéis, bebidas alcoólicas etc. Todo esse comércio engendrado são “artes de fazer”, são atividades de consumo criadoras, desviantes e anônimas que irrompem com vivacidade e não se capitalizam (GIARD, 2012; CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013). Abrem pequenas brechas, talvez um dos únicos lugares de inventividade possível dos(as) moradores(as), para se tentar viver da melhor maneira possível, produzindo uma “invenção do cotidiano”.

Percebemos que um dos meios de divulgação desse comércio é o *Facebook*. Ao conversar com moradores(as), o grupo no Facebook “Universo CEU II” destacou-se como um exemplo de uma apropriação coletiva, criativa e transformadora das mídias sociais, que possui o potencial de impactar positivamente a realidade dos(as) moradores(as) da casa.

Solidariedade, reciprocidade, gratidão são experimentados com essas ações que transcendem e complementam o uso *Facebook* contribuindo também na ressignificação do espaço universitário como lar (Figura 23):

É só do pessoal da casa [e também da União], aí lá o pessoal posta quando precisa de alguma coisa ou quando, que nem eu que sou vegetariana, na distribuição eles dão carne, e aí eu sempre pego pra trocar por alguma outra coisa com alguém, porque se eu não pegar não é algo que eu vou ter uma substituição, sabe, então publica lá “ah eu tenho carne pra trocar com alguém com alguma outra coisa”. Acho muito engraçado isso, porque funciona tipo, é uma família gigante, cada um tem uma coisa. Acho que o pessoal se ajuda bastante [...] Até reclamações também tipo, sei lá, alguém esqueceu um móvel no corredor ocupando espaço, vai lá alguém reclamar, “vem aqui no 3º andar de tal bloco tem um móvel atrapalhando”, a pessoa vem buscar, velho. Acho bem engraçado, é tanto pra um lado quanto pro outro esse grupo. É pra quando tu precisa pra alguma coisa, pra quando tu quer comunicar alguma coisa, “ah tem reunião do bloco”, quando tu quer reclamar de alguma coisa, serve pra tipo tudo. Tem gente que até vende coisas no grupo. Realmente é um universo. (Ana, moradora da CEU II).

Figura 23- Postagens no grupo do *Facebook* “Universo CEU II”



Fonte: *Facebook*, Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Assim como os animais, os grafites, as roupas no varal e o comércio, os *smartphones* também compõem o cenário da CEU II e da União Universitária. Pudemos perceber o

consumo de *smartphones* difundido de modo visível no cotidiano. Os dispositivos integram os mais variados aspectos da vida desses universitários(as), participando desde o processo de migração, adaptação e socialização, entre outros, que serão analisados nos próximos capítulos.

Reconhecendo a implicação subjetiva das pesquisadoras no pesquisar qualitativo, torna-se importante exercer durante todo o percurso a reflexividade e o “pesquisar-a-pesquisa”, como nos fala Zanella (2013, p.15). Nesse processo, percebemos que estivemos o tempo todo dentro e fora da situação de pesquisa. Somos sujeitos de um mesmo tempo, relacionando-nos com e por meio dos *smartphones*. Também somos jovens e estudantes como os participantes, a maioria de nós, inclusive, estuda na mesma universidade, ambientando o mesmo espaço. Essas aparentes similaridades facilitaram uma aproximação com os participantes, pois tivemos a possibilidade de interagir por intermédio de uma mesma linguagem. Mas vimos diante dos nossos olhos outra realidade, que parecia outrora tão próxima que fazia sentirmo-nos todas “universitárias”. Conhecer a realidade de morar no *campi* universitário, migrar de cidades e estados, mostrou-nos um universo de caminhos ressignificados, com peculiaridades nas ocupações dos espaços físicos, na rotina que podia ser estabelecida e nas relações que se construíam, num *continuum* morar-estudar-socializar (Figura 24), numa vinculação única com aquele espaço, que só quem mora no *campi* universitário parece vivenciar. Então, percebemos que essa categoria “universitários” não é tão homogênea. Considerando também, é claro, as singularidades de cada vivência dos(as) universitários(as), que é capaz de fazer ainda outros novos campos.

Figura 24- A foto registra a janela de um dos apartamentos da CEU II: no varal um moletom escrito o nome de um curso e UFSM. A foto representa o *continuum* morar-estudar-socializar





Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Com a (nova) entrada no campo fomos apresentadas a outras facetas da universidade, a um universo de riquezas. Se inicialmente sentíamos familiaridade, podemos também experimentar ser “pesquisadoras-estrangeiras” (ZANELLA, 2013) no próprio andar da pesquisa (Figura 25). “A possibilidade de um olhar estrangeiro é [...] dispositivo para o reconhecimento do novo assim como do supostamente conhecido. Estrangeiro como outro que pode olhar aquilo que (a)parece invisível às pessoas do lugar (ZANELLA, 2013, p. 126, grifo nosso). Tendo isso em mente, deixamo-nos tocar, sensibilizar pelas situações observadas e, ao mesmo tempo, tomamos com distância fatos para poder olhá-los sob a ótica do estranhamento, como aconselha Neves (2006). Para esse movimento foi pertinente compartilhar e discutir constantemente o que acontecia nas vivências no campo com a equipe de pesquisa. Estando fora e dentro da situação estudada, com nosso corpo e linguagem, fomos transformadas em um importante instrumento de pesquisa (NEVES, 2006).

Figura 25- Essa foto foi tirada por uma das pesquisadoras a caminho de um dos encontros dialógicos. De dentro da CEU II, em um dos corredores, olhamos para fora e registramos o que vimos: poço de luz que interliga alguns apartamentos e as roupas dos(as) moradores. A foto representa a tentativa de fazer um movimento inverso do até então, como “pesquisadoras-estrangeiras”



Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa

## 5 OS(AS) MORADORES(AS), OS SMARTPHONES E A CASA “COMO É PRA NÓS”

Neste capítulo, especificamos como acessamos os(as) moradores(as) participantes da nossa pesquisa e o perfil sociodemográfico destes. Após, traçamos um perfil do consumo que fazem das tecnologias digitais. Por último, com essas informações reunidas, aproximamos nosso olhar para alguns casos em específicos, que denominamos “fragmentos de vida”, configurando um ponto de união entre suas histórias de vida e as práticas de consumo dos *smartphones*.

Houve duas diferentes formas de participação dos(as) moradores(as) na pesquisa: a participação nas conversas informais e/ou nos encontros dialógicos. Os contatos iniciais foram viabilizados pela observação e vivência no campo. Foi muito comum observar a maioria dos(as) universitários(as) usando *smartphone*, em algum momento, sozinhos(as) ou quando estavam em grupo. Nesses momentos de observação, abordamos os(as) universitários(as) e convidamo-los(as) para uma conversa informal, oportunidade em que questionamos se eram moradores(as) da CEU II ou da União Universitária e, ainda, buscamos perceber se havia alguma ligação com o tema da pesquisa - uso dos *smartphones* - e um interesse de fala. Dependendo do vínculo estabelecido a conversa se aprofundava, balizada por centros de interesses estabelecidos no projeto, contudo, aberta para assuntos/tópicos que emergiam. Tais conversas possibilitaram construir um conhecimento sobre o campo enquanto contexto social mais amplo: sobre o funcionamento institucional, a dinâmicas das relações que ali se engendram e mapear outros sujeitos que são significativos para essas relações. Nesse sentido, conversamos também com porteiros, vigilantes, profissionais do SATIE (Psicólogos(as) e Assistente Social) e servidores(as) técnico-administrativos da PRAE. A busca e o interesse por diversos pontos de vista sobre a CEU II e a União Universitária, que ora se cruzavam e ora divergiam, mostrou-nos um campo de possibilidades.

Como Beaud e Weber dizem (2007, p.68), “a situação de pesquisa pode ser tudo, menos natural.” Durante a realização das observações participantes, “sentimos na pele”, os desafios imbricados no estar em campo e nesse contexto ser figura “estrangeira”/ou estranha. Fazemos referência ao corpo (pele que se estica e faz dobras), uma vez que nos envolveu por inteiras. Mesmo que não fosse uma situação natural, exigiu de nós pesquisadoras, espontaneidade, entrega e disposição para lidar com o que emergiu. Tivemos que resolver alguns impasses oriundos das nossas questões subjetivas, como o constrangimento em abordar os(as) universitários(as), pois não queríamos atrapalhar as suas rotinas, o descanso



entre os intervalos das aulas, incomodá-los(as) nos eventos que estavam acontecendo; por exemplo, quando íamos no “Efêmero Café” e nas “rodinhas” de conversa ao meio-dia, próximo ao RU. Foi um permanente aprender a arriscar-se no encontro com o outro. Contrariando positivamente nossas expectativas, todas as vezes fomos bem recebidas. Os(as) jovens se mostravam dispostos(as) a conversar, dando-nos a sensação de que faz parte da dinâmica da própria vivência na União e na Casa estar, praticamente, o tempo inteiro em contato e em interação com pessoas, inclusive, novas, visto que cada semestre implica novos “rostos”. Tal interação era frequente: por vezes estávamos conversando com algum(a) morador(a), alguém cumprimentava, falava, passava ou, por curiosidade, ficava por ali. Quando isso acontecia, convidávamos para também participar e, prontamente, eles(as) sentiam-se parte. Uma dinâmica interativa, rápida, fluida.

Para efetuarmos os encontros dialógicos utilizamos três estratégias de divulgação: retomamos o contato com os(as) universitários(as) que havíamos conversado informalmente, fizemos um convite aberto para participação via postagem no grupo da mídia social *Facebook* “Universo CEU II” e fixamos folders nos murais dos blocos da CEU II e no mural da sala da Diretoria (Apêndice A). A maioria dos encontros ocorreu individualmente, mas também em grupo, por exemplo, quando estávamos em uma área aberta e algum(a) amigo(a) também morador(a) da casa, juntava-se a nós. Os encontros aconteciam onde os participantes escolhiam e a gravação foi acordada com cada participante a fim de preservar o conforto dos mesmos, sendo assim, nem todos os diálogos foram gravados. O tempo de duração dos diálogos foi de aproximadamente uma hora e meia, dependendo de como cada situação transcorria. Recorríamos ao roteiro de apoio somente se considerássemos que alguma questão não havia sido contemplada.

Um dos desafios foi descobrir a cada encontro como construir uma aproximação e um laço mínimo de confiança em tão poucos encontros, senão únicos. Tivemos muitos momentos facilitados pela nossa abertura para acompanhar o chimarrão que circulava, ou o chimarrão e o chá que levávamos e oferecíamos iniciando o encontro, principalmente nos meses de frio como julho e agosto. O tempo despendido com cada morador(a) foi importante, ter interesse em ouvir sobre outros aspectos das suas vidas, tais como, saber sobre a cidade da qual migrou e como estava se sentindo perante tantas novidades. Em muitos casos, bastava uma pergunta disparadora e eles(as) falavam sobre suas experiências, como se necessitassem falar e serem ouvidos(as) sobre determinados assuntos, como conflitos com os(as) colegas de apartamento, sobre algumas dificuldades em conseguir uma vaga na CEU II, precariedade das acomodações na União Universitária ou sobre a relevância dos *smartphones* em suas vidas.

Uma das moradoras nos disse que não tinha participado ainda de uma pesquisa que queria saber sobre como era morar na casa, já que, habitualmente, perguntavam sobre o consumo de água etc., “mas nunca saber como é pra nós”. Como sensivelmente explica Despret (2011, p.25), trata-se:

Sobretudo de nos colocarmos em uma situação de aprendizagem, redistribuindo a expertise não somente quanto ao conteúdo, mas quanto à maneira mesmo de interrogar esses conteúdos. Como poderemos esperar constituir um saber interessante se não podemos encontrar a maneira como essas questões podem – ou não – interessar aqueles a que nos dirigimos? Ou mais precisamente, não nos oferecemos melhores oportunidades se explorarmos a maneira como nossos interesses podem se construir? [...] que valor poderia ter um saber se ele não agrega ao mundo e aqueles que o compõem, um pouco mais de interesse?

Logo, percebemos que seria mais importante estarmos ali *com* eles(as), *por* eles(as), pois assim seria um encontro genuíno. Nas palavras de Beaud e Weber (2007): “é preciso ‘estar com’ ou, melhor ainda, ‘fazer com’, para compreender o que quer que seja. Os(as) participantes, os objetos *smartphones*, o contexto e as pesquisadoras foram pensados como uma totalidade relacional (ECKERT, 1997). O encontro desses diversos elementos foram dando contornos para a pesquisa, redefinindo-a.

## 6.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES DOS ENCONTROS DIALÓGICOS

Ao total, foram dezoito universitários(as) que participaram dos encontros dialógicos. Destes, quatorze se autodeclararam do gênero feminino e quatro do gênero masculino e estavam na faixa etária entre dezoito e vinte e cinco anos. Oito autodeclararam-se brancos(as), cinco pardos(as), quatro negros(as) e um não quis declarar. Quatorze moravam na CEU II e quatro deles na União. Quanto à concentração nos Centros de Ensino, sete cursavam Ciências Sociais e Humanas, três Ciências Naturais e Exatas, dois Ciências Rurais, dois Ciências da Saúde, um Artes e Letras, um Educação, um Tecnologia e um Curso Técnico. Essas informações foram construídas junto aos participantes, ao final do encontro, mediante a entrega de uma folha com perguntas, em que descreviam os seus dados sociodemográficos (Apêndice B). Preferimos apresentar ao final do encontro por entender que os(as) participantes já estariam mais vinculados a nós e se sentiriam mais confortáveis em responder às questões.

Visando complementar as informações sobre os(as) participantes, fizemos novos contatos para saber como eles(as) se definiam sexualmente e como nomeavam, se é que

nomeavam, seu *status* de relacionamento afetivo-sexual: sete se autodeclararam heterossexuais, quatro bissexuais e sete homossexuais; doze disseram estarem namorando e cinco solteiros(as). Durante os encontros dialógicos ou nas conversas informais, não questionamos nem solicitamos expressões da sexualidade e das práticas erótico-afetivas de cada participante, justamente, para não impor uma necessidade categorização por parte das pesquisadoras, para que fosse possível escutar suas histórias de amor ou de desamor da forma como contavam, com todas as nuances.

Escolhemos utilizar o termo “participante” para os(as) moradores(as) que tiveram envolvidos(as), para ressaltar o caráter ativo que os(as) mesmos(as) assumiram no processo da construção da própria pesquisa. Os(as) moradores(as) não nos forneceram somente “informações”, contribuíram para que novas perguntas pudessem ser feitas e nos propiciaram respostas que iam para além das expectativas vinculadas ao projeto. Além disso, muitos(as) tomaram a iniciativa de perguntar se poderiam ler o trabalho final, antes mesmo de explicarmos que este era um direito deles(as). Pareciam demonstrar curiosidade visto o entrelaçamento dos *smartphones* em suas vidas.

Respeitando as normatizações das pesquisas envolvendo seres humanos, os princípios da Resolução 466/2012 (BRASIL, 2012), cumprindo com o sigilo da identidade, mas também, reconhecendo a importância da implicação dos(as) moradores(as) na pesquisa, convidamos os(as) participantes para escolherem seu nome fictício. De acordo com Despret (2011, p. 20), “apagando o nome é que se cria a posição de ‘sujeito’ da pesquisa; alvo passivo das ações do pesquisador”. Fizemos esse convite, então, para que esse nome pudesse dizer mais deles(as) do que de nós pesquisadoras, na tentativa de minimamente atenuar essa assimetria entre aquele “que deverá assumir o papel de pesquisado diante daquele que se define, no mesmo gesto, como *expert*” (DESPRET, 2011, p. 20).

Esses(as) participantes não foram escolhidos(as) por serem estatisticamente representativos(as) de algum tipo de ideal (FONSECA, 1999). E sim, pela emergência da vinculação entre pesquisadoras e participantes, bem como pela disposição destes(as) em discutir acerca do tema de pesquisa. Entretanto, para realizarmos alguma análise do material foi necessário situá-los(as) em um contexto histórico e social, que preconiza ir do particular ao geral, num movimento interpretativo, contextualizando e buscando apoio também na revisão teórica (FONSECA, 1999), que não cessou durante o primeiro ano de elaboração do projeto.

O Quadro que segue ilustra os dados demográficos dos participantes dos encontros dialógicos (Quadro 1):

Quadro 1- Perfil sociodemográfico

<b>Codiname Idade</b>	<b>Etnia/Raça Autodeclara da</b>	<b>Gênero, Como se Define Sexualmente ao Longo do Encontro, <i>Status</i> de Relacionamento Afetivo-Sexual</b>	<b>Reside na CEU II ou União Universitária</b>	<b>Curso - Semestre</b>	<b>Naturalidade e Cidade que Migrou</b>	<b>Bolsista</b>	<b>Filhos</b>
Ariane 21 anos	Branca	Feminino Heterossexual Namorando	CEU II	Relações Públicas – 4º sem.	Caiçara – RS  Pinhal Grande – RS	Projeto PROPLAN - Comunicação	–
Luana 21 anos	Branca	Feminino Heterossexual Namorando	CEU II	Administração - 1º sem.	Boa Vista do Birucá – RS  Carazinho – RS	Multiweb – CPD	–

Maria 21 anos	Branca	Feminino Heterossexual Namorando	CEU II	Matemática Licenciatura – 7º sem.	Nova Esperança do Sul – RS	Iniciação científica FIPE	–
Isabel 20 anos	Negra	Feminino Bissexual Namorando	CEU II	Matemática Licenciatura – 5º sem.	Restinga Seca – RS	–	–
Ana 22 anos	Parda	Feminino Heterossexual Namorando	CEU II	Psicologia – 2º sem.	Três de Maio – RS Cerro Largo – RS	–	–
Arthur 18 anos	Branco	Masculino Homossexual Solteiro	CEU II	Ciências Sociais – 2º sem.	Capitão Leônidas Marques - PR	Biblioteca CCNE	–
Sofia 18 anos	Parda	Feminino Bissexual Solteira	CEU II	Comunicação Social – Jornalismo – 2º sem.	Francisco Beltrão – PR	Bolsista em Cinegrafia no Estúdio 21	–
<b>GRUPO</b>							

Lucas 25 anos	Branco	Masculino Homossexual Solteiro	União Universitária	Educação Especial – 1º sem.	Brasília – DF	SATIE	–
Susane 18 anos	Branca	Feminino Homossexual Namorando	CEU II	Terapia Ocupacional – 1º sem.	Ibirubá – RS	–	–
Elena 18 anos	Branca	Feminino Bissexual Namorando	CEU II	Meteorologia – 2º sem.	Viadutos – RS	–	–
<b>GRUPO</b>							–
Letícia 24 anos	Negra	Feminino Bissexual Namorando	CEU II	Enfermagem – 2º sem.	Santa Cruz do Sul – RS	–	–
Fábio 21 anos	Pardo	Masculino Homossexual Namorando	CEU II	Filosofia – 2º sem.	Jundiaí – SP	–	–
<b>GRUPO</b>							
Angélica 23 anos	Branca	Feminino Homossexual Solteira	União Universitária	Técnico em Soldagem – 1º sem.	Montenegro – RS São Pedro do Sul – RS	Métodos Gráficos - HUSM	–

Luciano 23 anos	Não quis declarar	Masculino Heterossexual Namorando	União Universitária	Filosofia – 1º sem.	Osasco - SP	Bolsista no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD)	–
Larissa 20 anos	Parda	Feminino Bissexual Namorando	União Universitária	Arquitetura – 2º sem.	Araçatuba – SP	–	–
Eduarda 22 anos	Parda	Feminino Heterossexual Namorando	CEU II	Bacharelado Letras Português – 2º sem.	Natal – RN	–	–
<b>GRUPO</b>							
Mariana 25 anos	Negra	Feminino Homossexual Namorando	CEU II	Engenharia Florestal – 9º sem.	Novo Hamburgo – RS	Projeto de extensão – agricultura familiar e camponesa	–

Elisa 23 anos	Negra	Feminino Heterossexual Solteira	CEU II	Agronomia – 4º sem.	Pelotas – RS Candiota – RS	–	Filha
------------------	-------	---------------------------------------	--------	------------------------	-------------------------------	---	-------

Fonte: da autora, 2016.



## 6.2 PERFIL DO CONSUMO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA CEU II E UNIÃO UNIVERSITÁRIA

Neste momento apresentamos o perfil do consumo das tecnologias digitais consumidas pelos(as) moradores(as). Por tecnologias digitais nos referimos aos aparatos e gadgets, como *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, computadores, televisões digitais e, também, as mídias sociais, como sites, blogues, *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Snapchat* e as mais diversas plataformas e aplicativos<sup>10</sup>. Eles utilizam a conexão digital, que é caracterizada pela conversão dos dados em sequências numéricas ou de dígitos (de onde vem o termo “digital”) interpretados por um processador capaz de realizar cálculos complexos em frações de segundo. Diferentemente das mídias analógicas, as digitais precisam menos de um suporte físico, facilitando a conversão, o armazenamento e o compartilhamento de dados (MARTINO, 2014).

Todos os(as) universitários(as) com quem conversamos, inclusive, os(as) que nos aproximamos informalmente durante as observações, possuíam um *smartphone*. Comumente nomeavam de telefone ou celular, conforme o senso comum, no entanto, reconheciam as diferenças entre os aparelhos, provavelmente, por integrarem uma geração que está mais familiarizada com as tecnologias digitais.

Os(as) participantes começam o dia sendo despertados pelo *smartphone* e, em geral, só dormem depois de checá-lo. Para eles, o dispositivo tem sido definido pela diversidade de funções e pelo acesso às mídias sociais. Logo, o *smartphone* sem internet não é nada, além de ser a principal tecnologia, senão a única que possuem. Quando possuem *notebooks*, estes são usados prioritariamente para elaborar os trabalhos de faculdade. Nos momentos de lazer e para preencher o tempo quando “não estão fazendo nada” costumam checar as mídias sociais, escutar músicas, tirar fotos, assistir vídeos, filmes e seriados por *streaming*, por meio dos fones de ouvidos e das pequenas telas, o que parece configurar um modo de consumir individualizado. Toda essa convergência de mídias torna o *smartphone* multitarefa e muda a maneira que os universitários se relacionam com outros objetos:

É, eu não uso tanto o computador agora, sabe. Uso mais quando eu vou ver uma

---

<sup>10</sup> No contexto dos *smartphones*, os aplicativos são programas que podem ser baixados e instalados a fim de realizar determinada tarefa, como um editor de fotos, uma mídia social. Cada sistema operacional (Apple e Android) tem sua própria loja que fornece os aplicativos gratuitos ou pagos. Alguns funcionam apenas com o uso dos dados móveis (pacotes disponibilizados pelas operadoras telefônicas) ou com *Wi-fi* (internet sem fio) enquanto outros não precisam da conexão via internet

série e, na verdade, também dá pra ver no celular, então é uma coisa que eu acho mais complicado, tirar o computador, abrir, ligar, daí tem que tá num lugar que caiba. Telefone tá aqui sabe, cabe tudo nele, é super compacto, carrega pra onde tu quiser, monte de informação. (Ana)

Ah ele seria um, sei lá, tipo *tablet* ou uma coisa assim pequena que eu pudesse carregar para todo o lado. Acho que ele se não fosse um celular, ele seria outro aparelho de tecnologia, que me conectasse com a internet que fosse pequeno pra carregar, porque meu note eu deixo em casa e eu trabalho pelo celular, até escrever coisas de aula eu escrevo pelo celular, tudo (...). Faço com facilidade, e é aquela coisa do imediato pra mim, se eu tô por exemplo, na correria alguém me fala alguma coisa importante pra eu não esquece, às vezes, eu anoto no bloco de notas no celular.” (Ariane)

A marca ou as potencialidades e funcionalidades dos *smartphones* dos(as) participantes variavam: o sistema operacional mais encontrado foi o *Android*, característico dos modelos da *Samsung* e *Motorola*; apenas dois participantes possuíam um modelo de *Iphone* da marca *Apple*, com o sistema operacional *iOS*. O valor do *smartphone* atribuído pelos(as) participantes parece variar conforme a potencialidade tecnológica do modelo. Isso significa que, quanto maior memória para armazenar conteúdos e instalar aplicativos, maior duração da bateria, melhor qualidade da câmera etc., mais estimado o aparelho será e o(a) proprietário(a) se sentirá com maior inclusão digital. Mesmo que se faça as mesmas coisas que se fazia antes de se ter os *smartphones*, a forma de comunicar parece ter mudado completamente. Em vista disso, não basta ter um aparelho com sinal, o *smartphone* tem que oferecer mais recursos, funcionalidades e praticidade que foram propiciadas pela internet e pelos aplicativos. Muitos participantes comentavam estar insatisfeitos com seus aparelhos, desejando trocar. Aspectos materiais e simbólicos são entrelaçados com um consumismo, que exige que se esteja sempre atualizado, adquirindo e adquirindo mais:

Meu celular eu só usava mesmo pra ligar e o *Whatsapp* e *Facebook*. (...) quando chegou esse que eu decidi baixar mais ferramentas e tá mais conectado mesmo. (Arthur)

As fotos eu nem tinha tanta, porque igual eu falei o recurso de câmera dele [do *smartphone* que perdeu] era bem ruim. As músicas eu também tinha todas baixadas no computador. Agora, se eu perdesse esse celular [referindo-se ao atual] daí eu fico louco. Porque esse daqui tem bastante fotos e recordações de momentos. (Arthur)

Ah tipo ele é simples, a câmera, eu queria que ele tivesse uma câmera um pouco melhor e mais memória é uma coisa que eu sinto falta, porque eu sinto muita falta, se eu pudesse eu guardava todas as fotos nele, sabe, só que como ele tem memória pequena tem que ficar passando pro computador. (Ana)

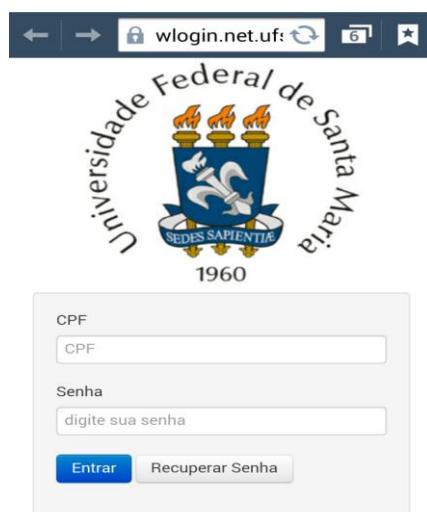
Além do modelo, observamos questões relativas às escolhas das operadoras de telefonia móvel. A que oferecia melhores condições de comunicação com um baixo custo era

a escolhida, tais condições como ligações gratuitas entre números da mesma empresa ou um pacote com bônus em ligações, mensagens de texto e dados de internet para números de diferentes empresas. O estabelecimento desse critério, fazia com que os(as) participantes se adequassem a operadora que algum familiar já possuía ou, então pediam para que a família e/ou namorado(a) também adquirissem.

Quanto à questão à internet, para além do que é fornecido pela operadora, os(as) moradores(as) começaram a poder obter um melhor acesso em 2015. Neste ano, foi realizado o cabeamento da CEU II, substituindo o antigo sistema de roteadores que causava diversos problemas para os(as) moradores(as), pois somente alguns apartamentos os possuíam, não suprimindo as necessidades de todos os(as) moradores(as) do mesmo modo. Atualmente, cada quarto possui ao menos um ponto de internet fixo, o roteador, que possibilita a internet sem fio (*Wi-Fi*) deve ser adquirido pelo morador, ficando a seu critério, ou dentro das suas possibilidades, colocar no apartamento ou não. Os investimentos nas instalações custaram aproximadamente R\$ 340 mil reais e foram realizados por uma empresa que obteve a licitação.

Tornou-se comum os(as) moradores(as) não possuírem um plano que incluía dados de internet móvel (3G), contando só com a *Wi-Fi* disponibilizada em seus apartamentos - devido à nova instalação -, na União Universitária e em alguns espaços de convívio (Figura 25), como o *hall* do Restaurante Universitário (área ao ar livre) ou nos corredores dos centros de ensino e em algumas salas de aula.

Figura 26- Para conectar à internet Wi-Fi é necessário realizar um *login* com CPF e senha. A senha é a mesma que dá acesso ao Portal do Aluno pelos(as) universitários(as), junto com as respectivas matrículas. Esta imagem é uma captura da tela que foi feita pelo *smartphone* de uma das pesquisadoras



A imagem mostra uma captura de tela de um navegador móvel acessando o endereço `wlogin.net.uf`. No topo, há uma barra de endereço com ícones de navegação e uma barra de status com o número 6. Abaixo, o logotipo da Universidade Federal de Santa Maria é exibido, com o brasão centralizado e o lema "SEDES SAPIENTIAE" e o ano "1960". O formulário de login contém dois campos de entrada: "CPF" e "Senha" (com o placeholder "digite sua senha"). Abaixo dos campos, há dois botões: "Entrar" em azul e "Recuperar Senha" em cinza.

Fonte: Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Grande parte dos *smartphones* dos(as) participantes foram comprados pelos familiares e continuavam sendo sustentados financeiramente por eles, possibilitando saldos para realizarem ligações e acessar a internet em locais sem cobertura *Wi-Fi*. Apesar dos(as) moradores(as) poderem contar atualmente com uma cobertura maior de internet no *campi*, parte do valor da bolsa recebida, por aqueles que participam de projetos de iniciação científica ou trabalham em algum setor da universidade, é usada para comprar créditos quando o pacote de internet acaba, pois dizem não poder “ficar sem”. Para estarem na CEU II os(as) moradores(as) devem comprovar que precisam estar lá devido a “fatores de vulnerabilidade social”<sup>11</sup> e, ainda muitos são bolsistas ou trabalham na universidade para terem uma fonte de renda para cobrir outros gastos como fotocópias de material, viagem para a cidade da família ou para comprar algo que gostam. Então, ainda que ter um *smartphone* e ter acesso a rede custe dinheiro, eles decidem por ter um *smartphone*. O que isso nos diz? Podemos pensar que é a força do consumismo? Mas parece não ser só isso.

### 6.3 (RE)CONTANDO A HISTÓRIA DOS(AS) PARTICIPANTES: FRAGMENTOS DE VIDA

Para esta dissertação, escolhemos apresentar oito participantes dos encontros dialógicos, pois estão envolvidos nos capítulos analíticos subsequentes. Quanto às particularidades dos encontros: cinco foram individuais e três em grupo. Com a maioria, tivemos apenas um encontro; com dois participantes conversamos individualmente duas vezes cada, já que na primeira entrevista não conseguimos abordar suficientemente o objeto de estudo.

Apresentaremos, a seguir, Ariane, Luana, Ana, Arthur, Lucas, Letícia, Larissa e Eduarda. Essa apresentação consiste numa síntese de alguns elementos que foram trazidos nas conversas informais e encontros dialógicos para propiciar ao(à) leitor(a) uma aproximação a esses(as) moradores(as). Priorizamos recortes dos relatos que não aparecem diretamente na análise, para que o(a) leitor(a) possa conhecer ainda mais os participantes. No momento que contamos suas histórias, elas já não são mais as mesmas, por isso são recontadas. Certamente

---

<sup>11</sup> Termo utilizado pela PRAE.

esta será uma apresentação parcial – a história de cada um não se resume ao narrado por eles nem por nós. É o imbricamento entre sujeitos.

## **Ariane**

Ariane foi convidada para participar por uma das pesquisadoras. Em uma quinta-feira de agosto, ao final da tarde, outra pesquisadora, a autora desta dissertação, foi até seu apartamento, conversaram em seu quarto. A universitária estuda Relações Públicas, diz possuir “forte espírito de liderança” e ser “apaixonada” por mídias sociais, estudando e estagiando diretamente com essas plataformas. Inseriu-se nessa faculdade “por dois motivos: pelas mídias e pelos eventos, que eram duas coisas que eu gostava bastante”. Tem vinte e um anos, mas desde os quatorze veio para Santa Maria cursar o ensino médio em uma escola estadual. Então, há sete anos deixou uma região do interior do Rio Grande do Sul, próxima à Santa Maria.

Ariane percebe diferenças no estilo de vida quanto aos meios de comunicação em comparação com sua cidade “pequena”. Ganhou seu primeiro *smartphone* quando veio estudar para facilitar a comunicação com familiares, mas a sua mãe adquiriu um celular tradicional ano passado, juntamente com seus dois irmãos, porém, os dois ganharam um modelo mais moderno, um *smartphone*. “Mesmo que eu tenha sentado com eles [com os pais] várias vezes explicando que ‘ah a internet é isso e isso e isso’, eles ainda acham que não é importante ter internet em casa, então a gente não tem internet em casa”. O maior interesse dos irmãos pelo *smartphone* é para o uso de internet e para escutar música, “não sentem necessidade para contato”, inclusive, saem de casa sem levar o celular e “sem sentir falta” dele. Ariane entende que isso é “característica de cidade do interior”.

Diferente do estilo de vida de sua família, Ariane utiliza muito o *smartphone* (um *Iphone* do modelo 5c), afirmando ser “uma ferramenta essencial”. Diz que tem muitos aplicativos de comunicação, compras e entretenimentos. Faz o uso do dispositivo de forma pessoal (cita aplicativos de compras, por exemplo, *Renner*, *AliExpress* e *Netshoes*) e profissional (*e-mail* e *Facebook* para gerenciamento de páginas da empresa para qual trabalha).

Ariane namora desde janeiro e afirma que sempre foi um relacionamento à distância, pois quando conheceu o namorado, em uma festa de aniversário de um amigo em comum em Santa Maria, ele já residia no Rio de Janeiro capital. O namorado não possui o hábito de usar

*WhatsApp* e *Facebook*, então, o contato entre os dois é por meio de mensagens SMS, ligações e *Skype*.

Apesar de usar todos os dias o *smartphone* por vontade e, também por necessidade, ela afirma que às vezes, só quer esquecê-lo. Sai para correr pelo *campi* e deixa o celular em casa e, também como estratégia de afastamento, já saiu de grupos do *WhatsApp*, simplesmente por “cansaço da disponibilidade vinte e quatro horas”.

Ela projeta o futuro imaginando como serão os *smartphones*: “Meu deus!” O *Wi-Fi* vai estar disponível em todos os locais das cidades, fazendo com que as pessoas sejam “cada vez mais conectadas com o mundo e, ao mesmo tempo, mais desconectadas com os outros”, tornando-se mais egoístas, sem empatia. Tem uma visão negativa de acordo com o que vê atualmente, e crê que tudo pode piorar: as pessoas “ficam tão concentradas no aparelho telefone e esquecem de olhar pro lado e ver que a vida tá aí, que as coisas estão acontecendo”. Neste momento, na gravação do encontro, escuta-se um *smartphone* vibrar, não lembramos se foi o dela ou o da pesquisadora, que esqueceu de colocar o seu em modo avião. (O celular da pesquisadora foi usado para gravar).

## **Luana**

Luana viu a chamada para a pesquisa no Grupo do *Facebook* “Universo CEU II” e encontrou em contato via *Facebook*. O encontro aconteceu com a pesquisadora, autora desta dissertação, em seu apartamento, em uma manhã de agosto. A moradora tem vinte e um anos cursa o primeiro semestre de Administração, após ter trancado Engenharia Florestal.

Ganhou seu primeiro celular quando ainda morava em Chapada (RS), para que fosse possível comunicar-se com a mãe, quando estavam fisicamente distantes. Luana costumava passar um tempo em casa cuidando do irmão “cego e autista” e, também, leva-lo para cidades vizinhas, para espaços de assistência especializada, enquanto a mãe passava o dia fora trabalhando. Fez isso dos dez aos dezesseis anos, até a mãe e o irmão mudaram-se definitivamente para uma cidade vizinha, em busca de um atendimento melhor. O relacionamento com o pai nunca foi dos melhores: “ele nunca deu muita assessoria”, diz brigarem com frequência.

Luana trabalhou em quatro lugares antes de entrar na universidade, um deles como frentista um posto de gasolina, onde ouviu muito, especialmente por parte de homens, que “não é um trabalho pra uma menina de dezoito anos”, entre outras coisas, tendo que aprender

a lidar, relevar ou responder. Entretanto, ela contesta: “eu trabalhava abastecendo, lá me sujando, me jogando embaixo de carro e adorava aquilo, porque eu aprendi muito”.

Os primeiros meses na CEU II não foi fácil, ficou sozinha, uma vez que o namorado estava viajando e “ia muito pouco pra casa por causa que é caro pra ir e tal, agora dá quase 130 reais pra ir e voltar sabe e ainda tem táxi quando tu volta, é doído.” Em um situação dessas, poder contar com a assistência do restaurante universitário no sábado, por exemplo, “faz muita diferença”.

Atualmente ela divide o apartamento com mais quatro rapazes e uma moça. Quando se trata de dividir as tarefas para organização do apartamento, Luana reclama que os meninos não saem preparados de casa para realizar as tarefas domésticas, já as meninas sim. Eles não fazem a limpeza de forma satisfatória no espaço de uso compartilhado – o que já gerou muitas brigas entre eles. Mas ela diz, ainda, preferir o convívio com eles, porque acha que as mulheres: “a gente é muito de intriga [...] os guris falam na cara, e é por isso que eu me acerto mais, entendeu”.

Além do mais, não teve boas experiências com a antiga colega de quarto: “ela um dia achou que ia ser bom mudar o quarto e ela mudou todas as minhas coisas de lugar, eu entrei na porta e eu não consegui entrar no quarto de raiva. Porque tipo, uma coisa é tu chegar ‘ah vamos mudar o jeito que tá o quarto’, outra coisa é tu pegar e mudar as coisas. E pra ela ficou muito bom e pra mim muito ruim. Eu não conseguia entrar na minha cama (risos). Aí é nessa hora que tu pensa assim ó ‘eu tenho que tá aqui porque se eu não tô aqui...’ Na minha situação e da grande maioria das pessoas que tão aqui, claro que tem exceções, mas se eu não estivesse aqui eu não estudo.”

Luana reconhece que toda essa experiência fez com que aprendesse a ser prestativa, a “tolerar”, “respirar fundo e pensar ‘calma’”, pois era muito “estouradinha, eu sou gringa, sou alemão, sou atravessada mesmo”. Mas diz ainda se irritar quando alguns moradores(as) “botam as coisas de som deles desse tamanho e lacram o som [...] quando é segunda, terça, quarta, nos apartamentos ou no lado de fora.”

Faz quatro anos que Luana namora, foi seu primeiro compromisso sério, por dois anos lidaram com a distância, hoje residem ambos em Santa Maria. Ambos não querem apenas um namoro, desejam casar e ter filhos. Luana diz relevar muitas coisas dentro do relacionamento, pois, não suporta brigas, em vista disso, considera ter uma boa relação com o parceiro. Uma das bases da relação é a confiança, por isso não “mexe” no *smartphone* do namorado e nem ele no dela, principalmente, depois disso já ter gerado brigas. Quando moravam em cidades/países distantes, passavam o dia inteiro conversando pelo *smartphone*. O namorado

militar, já residiu por seis meses no Haiti e alguns meses no Rio de Janeiro em missões. O casal procura decidir tudo juntos, por exemplo: “ah tem pouco dinheiro, ah então vamos fazer uma coisa juntos no final de semana” e não gastar durante a semana. Além disso, enfatiza sentir muito apoio por parte dele para seguir estudando, inclusive, compreendendo que ela tenha que morar em uma casa com outros rapazes.

A relação que tem com o *smartphone* é de muita proximidade, dorme com o ele na cama. Está sempre com o aparelho em mãos ou no bolso da roupa, está sempre atenta às notificações, mas “tento sempre carregar o celular, mas não posso ficar sem [bateria]”. O seu aparelho não tem nenhuma senha: “qualquer um pode pegar e mexer, mas ele vive grudado em mim”, ao passo que diz não ser apegada ao objeto em sua materialidade, mas sim, ao que ele proporciona, tal como resolver as coisas de forma (quase que) instantâneas, com uma mensagem ou ligação, geralmente para a família (mãe) ou namorado.

Quando vai para a cidade dos sogros, localizada em uma zona rural no estado de Santa Catarina, o *smartphone* fica sem sinal algum:

Eu me sinto muito bem lá sabe, apesar da minha cunhada tenta mexer no meu telefone quando não tem ninguém olhando (risos) [...] “Não sei, é inexplicável. Eu acho que quando eu tô com o telefone, assim [sem ver na casa dos sogros], é uma necessidade de saber das coisas assim, de estar por dentro [...] Mas quando eu tô lá, acho que pela possibilidade de que que não tem como, lá eu desligo. Lá eu saio, pego frutinhas (risos), saio andando de cavalo, bem tranquila assim. Eu adoro fazer isso porque é ótimo se desligar e, quando eu tô lá, apesar de eu ir com meu namorado a gente se falar muito pouco, porque ele fica o dia inteiro com meu sogro na lida [...] fico muito com a minha sogra, fico muito tempo por casa, eu ajudo ela, a gente come bastante, engorda vários quilos (risos), mas eu fico muito tranquila. Aas aqui eu fico tranquila com ele, com o telefone. E é só o telefone, o note não é tanto, eu mexo muito pouco no note.

## Ana

A pesquisadora autora desta dissertação, conheceu Ana por meio da realização de um estágio de docência. Depois de uma das aulas, sentaram nas gramas que circundam um dos prédios do Centro de Ciências Sociais e Humanas no *campi*. Ana está no segundo semestre de Psicologia, tem vinte e dois anos e migrou de uma cidade localizada no noroeste do estado. A universitária fala empolgada dos animais, especialmente dos gatos que tanto gosta, é fã do Harry Potter, que estampa a capinha do seu *smartphone*, além de ter uma tatuagem em seu braço que remete à história, adora fotografia e diz ser feminista.



Antes de vir para Santa Maria, Ana morou por um tempo em outra cidade para cursar Engenharia Ambiental, mas acabou largando o curso. Quando se mudou não conhecia ninguém, então, amenizar a saudade, assim como muitos outros(as) moradores(as), ela conversava com as pessoas via internet:

O pessoal vem de outras cidades, então, o telefone ajuda bastante nessa continuidade das relações. Porque eu não sou daqui, então a minha família toda tá em outra cidade, os meus amigos estão em outras cidades, sabe. Eu vim pra uma cidade sem conhecer ninguém, então quem eu conheci aqui é muito mais fácil encontrar, mas quem eu conheço de longa data, de outros lugares fica mais complicado, então a gente vai se virando com a internet, com o telefone pra manter comunicação, pra não deixar esse vínculo, sei lá, se desfazer com o tempo, se afastar [...] esses dias até meu pai fez um *WhatsApp*, fiquei muito feliz (risos), tá aprendendo a mexer. Com a minha mãe é mais só por ligação, mas meu pai já tá aprendendo a mexer nas tecnologias.

Dentre essas trocas comunicacionais, tornou-se hábito o pai mandar fotos do seu gato, amenizando mais uma saudade. É o gato que estampa a foto da tela inicial do seu *smartphone*. O animal de estimação morou com ela na CEU II nos primeiros meses, ajudando na adaptação: “eu vim com ele, uma companhia vinte e quatro horas por dia, era aquela coisinha, tu vai chegar em casa tu sabe que ia ter alguém te esperando, era ele.” Contudo, teve que levá-lo para junto de sua família, pois estava passando muito tempo fora do apartamento, devido a carga de horários em sala de aula. “Foi bem difícil, nos primeiros dias eu escutava miados, era muito bizarro, muita saudade. Meu pai me manda foto dele quase todos os dias.”

A adaptação de Ana em Santa Maria é algo ainda em construção. No primeiro semestre de sua mudança para cá, não havia vaga na União e nem na CEU II, então, morou de favor na casa de um amigo que fica no Centro da cidade. Assim que vagou um espaço, veio para a CEU II, no entanto, não se sente bem no apartamento que divide com outra menina. Ana tenta não ficar tanto tempo em casa e pretende, assim que possível, trocar de lugar. Um dos motivos que fez com que não se sentisse acolhida, é atribuído ao fato da colega já morar a muito tempo no apartamento e de ter deixado o lugar com as características dela, o que fez com que Ana se sentisse como uma “intrusa”. Em contrapartida, Ana adora o *campi*, “cara isso tudo é meu quintal”, gosta de tomar chimarrão embaixo da ponte, sentar na grama e adorava passear com o seu gato pelo espaço verde da UFSM, considerando como sendo extensão de sua casa:

Essa parte de morar dentro do *campi* assim tá sendo muito legal, porque antes era muito difícil, tipo pegar ônibus todos os dias e tal, já ficava bem complicado isso, porque tudo é longe aqui do *campi*. Se parar pra pensar, a gente passa mais de 50% do nosso dia em aula, então eu reparei que, às vezes, eu saio de casa 7 horas da manhã e volto só de tardezinha. Aqui é muito mais fácil almoçar, ficar sentado

embaixo de uma árvore, do que ficar indo embora e voltando, indo embora e voltando. Tá aqui pertinho, dá tempo de tu fazer as coisas com calma, tomar café com calma, se tu esquece alguma coisa vai correndo em casa e pega, é muito bom nesse ponto, é muito bom. Final de semana era uma coisa que eu tinha um pouco de medo, 'ah vou ficar meio abandonada', mas não, sabe, no final de semana enche de gente aqui, domingo sempre tem gente no *campi*, sempre tem tipo pessoas que vem trazer os filhos pra brincar, no bosque, às vezes tem *show*, às vezes tem o pessoal que vem trazer cachorro pra passear. Eu acho muito divertido isso, porque dá pra ver que aqui é bem o ponto, sei lá, que o pessoal sai no domingo na cidade.

Em sua vinda para Santa Maria, Ana conheceu o atual namorado, quando estudavam no mesmo cursinho pré-vestibular. Hoje, cada um estuda em uma universidade diferente. Antes de namorarem já saíam juntos com um grupo de amigos, faziam parte do mesmo convívio, até que um dia, “ficaram”, em seguida foi pedida em namoro. No início conversavam o dia inteiro pelo *WhatsApp*, e foi assim que acabaram ficando mais íntimos, se não fosse pelo celular, ela acredita que demorariam mais tempo para saber certas coisas um do outro. Ana fala da importância que teve a primeira foto do casal postadas nas mídias sociais, foi no mesmo dia que ela foi pedida em namoro, ficou sendo um marco para a relação. As mídias sociais contribuem para que se aproximem, o casal se marca em “publicações fofinhas”, que além ficar “muito feliz” de ver que foi lembrada, “parece que a pessoa está ali junto, olhando junto” o que foi marcado/postado. Quando questionada se o *smartphone* atrapalha na relação, disse que já atrapalhou uma vez, quando o namorado havia baixado um jogo e se viciado nele, mas foi algo conversado e resolvido. Ela sabe a senha do celular do namorado e ele sabe a dela, porém disse que nunca mexeu no celular dele, diz que ambos respeitam a privacidade de cada um, e existe confiança na relação. Mas em outra relação, as questões que envolvem tecnologia e privacidade causaram mais prejuízos, inclusive o fim do namoro.

A relação que Ana tem com o *smartphone* é muito próxima, está sempre com ela, diz que o celular é “a cara dela”, que tem as suas músicas preferidas, suas fotos, tem os aplicativos que mais gosta, é personalizado conforme seu gosto. Relata cuidar muito do aparelho, que está sempre com bateria. Ana não consegue se imaginar sem o seu *smartphone*, o que por vezes acha “um pouco problemático”, pois, quando está no telefone acaba esquecendo “um pouco o arredor”. Imagina que daqui uns dez anos, possa emitir um som, e o *smartphone* adivinhar o que ela quer dizer.

Ana aprende diversas coisas nas mídias sociais, dentre elas o feminismo. Atualmente, faz parte do grupos feministas na rede:

Isso pra um lado é uma coisa muito boa, porque eu aprendi muita coisa por rede social. O *Facebook*, se a gente for ver tem, tá tem foto, tem o que a pessoa tá fazendo durante o dia, mas tem notícias, tem artigos, tem várias coisas sobre vários temas, tem os grupos. É uma coisa que eu aprendi muito, se eu não tivesse *Facebook*, provavelmente, eu estaria mais pra trás, não teria tanto conhecimento. Uma coisa que eu comecei a ver por causa do *Facebook*, foi o feminismo, começou a aparecer na *timeline* e eu comecei a pensar, a pensar, ‘nossa eu me identifico com isso’, ‘eu também penso assim’. Eu comecei a pesquisar e quando eu vi já tava em grupo feministas, já tinha super notícias e artigos e coisas, comecei a ler. [...] algumas pessoas acham que o feminismo, o feminismo não, mas a militância na internet não leva a nada, mas eu acho que leva, sabe, porque tem muita gente que, se tu tá fora da universidade, tu tem trabalho, tu tem família, tu tem alguma coisa assim, tu nem tá na universidade [a disciplina que fazíamos se propunha a trabalhar sobre os feminismos]. Em que outro contexto tu saberia essas coisas? Não tem! Porque tu viu alguém postando uma coisa no *Facebook*, aí tu vai se questionar sobre aquilo, ‘bah nunca tinha pensando nisso’, tu vai começar a pensar mais sobre aquilo, se questionar, aí tu vai ser outra pessoa postando também e uma coisa vai levando a outra. Eu acho muito interessante, porque eu sei que muitas pessoas começaram a se movimentar e a se questionar, enfim, por causa dessas postagens.

## Arthur

Em uma tarde ensolarada, a autora desta dissertação com o auxílio de uma pesquisadora da equipe, conversaram com Arthur, sentadas, em um banco próximo à União Universitária, por cerca de uma hora e quinze minutos. Proveniente de uma cidade do interior do Paraná, de colonização e costumes gaúchos, Arthur, tem dezoito anos, é solteiro, acadêmico do segundo semestre de Ciências Sociais e, atualmente, bolsista na Biblioteca do Centro de Ciências Naturais e Exatas (CCNE): “eu só trabalho de segunda e quinta de manhã, daí eu consigo me manter aqui na casa, até gastos mais supérfluos como roupas, com essas coisas.”

Tem planos de viajar e conhecer o mundo, novas culturas, ter uma ONG para cuidar das causas ambientais e dos animais. Vegetariano por “ideologia pessoal”, durante o processo de alojamento na CEU II, reconhece que passou por um ritual de transformações, principalmente, logo nos primeiros seis meses, produzindo efeitos sobre seu corpo e sua história. Mudou o cabelo, cortou e coloriu, fez sete tatuagens (mostrou e explicou o significado de cada uma), colocou *piercing*, passou a usar roupas leves, mostrando-se diferente e desejando fazer diferença no mundo. Conta que em sua cidade de 16.000 habitantes, “heteronormativa e conservadora”, não poderia assumir seus verdadeiros desejos, expressar-se como realmente gostaria. Teve seu primeiro emprego, ainda morando lá, em uma empresa de Comunicação Visual, no qual recepcionava os clientes. Lembra que era muito tímido e que o trabalho lhe ajudou a ser mais interativo.

A escolha por vir estudar na UFSM, foi influenciada pelas informações importantes encontradas no site, explicações detalhadas sobre como proceder para ser acolhido nas moradias universitárias. Ao chegar no *campi*, recebeu abrigo temporário no Centro de Eventos, “nas casinhas”, na qual dividia quartos com cerca de 7 pessoas, sentindo que ali perdia um pouco de sua privacidade. Nesse local, vivia em coletividade, dividia a comida que tinha, sentindo-se acolhido, dando os primeiros passos para conhecer novas pessoas. Livre do “conservadorismo” da sua cidade, experimentou-se dando vazão aos seus novos e antigos desejos, criando sua história:

Aqui, como você mora junto com todo mundo, também tá todo mundo no mesmo barco, então, a gente se ajuda, a gente dá um jeito de fazer, a gente já marca alguma coisa. Tá sempre em contato [com os colegas de moradia no CE], porque é basicamente vizinho de um bloco pro outro. Então, é bem legal!

Um tempo depois ele foi transferido para a CEU II:

Eu divido com a Carla<sup>12</sup> que ela faz Zootecnia, ela é fantástica. Ela mora aqui perto, então, ela vai embora todo final de semana e também estuda muito, eu achei que ia ter mais problemas com (pausa) pelo que as pessoas contam, às vezes, rola muito estresse com colega de quarto, que é muito organizado ou que não é organizado, a gente meio que se equilibra ali.

Em relação ao seu *smartphone* gosta muito de ouvir música, por meio dos seus fones de ouvidos. Diz que neste dispositivo, encontra um potente espaço para ficar consigo mesmo, para pensar e refletir sobre sua vida, encontrando um momento de privacidade, já que gosta de ficar um pouco sozinho. Como ele diz, “ninguém consegue ser o tempo todo social.” Estar ligado ao seu dispositivo, parece lhe acionar um modo “*off-line* social” em horários que não deseja conversar com seus colegas. Por outro lado, o *smartphone* também lhe traz comodidade, possibilitando comunicação com o mundo sem precisar sair de casa. Usa aplicativos como o *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Tinder*. Percebe que seu *smartphone* proporciona uma gama de possibilidades: conversar por *WhatsApp* com sua mãe e amigos, atualizar suas mídias sociais, expor suas ideias contra preconceitos, encontrar notícias. Conta sobre uma discussão que teve com uma amiga no *Instagram*, de sua cidade de origem, sobre o fato de ele ser vegetariano, devido a postagem de uma foto. Agora, em seu novo lar, essa sua opção de vida é melhor compreendida pelos(as) outros(as) estudantes, por terem uma

---

<sup>12</sup> Nome fictício.

“mentalidade mais aberta”, não havendo implicância ou questionamentos sobre suas escolhas. Não gosta de preconceitos, não gosta de racismo, nem de homofobia.

Relembra que sua primeira relação amorosa foi com um menino com quem dividiu o apartamento, já na sua nova instalação. Com essa experiência, aprendeu que é importante não ser negligente consigo mesmo, com aquilo que de fato gosta, em prol de um relacionamento amoroso. Acha possível ser feliz sozinho também. Se um dia encontrar alguém que lhe complemente, poderá viver um novo relacionamento. Vivenciar um relacionamento lhe fez perceber que há diversas formas de relacionar-se. Tanto é possível curtir um momento e voltar para casa desacompanhado. Encontrar uma companhia para compartilhar os dias, a vida. No *Tinder*, tentou conhecer algumas pessoas, mas diz preferir conhecer pessoalmente, já que cria muitas expectativas que, muitas vezes, são frustradas. Pessoalmente, algumas pessoas não conseguem conversar como conversam por intermédio desse aplicativo. O *Tinder*, para ele, parece fazer parte de um momento de “desespero” na tentativa de conhecer um parceiro. Hoje estar solteiro é uma boa opção, podendo dedicar-se mais a si mesmo.

No *WhatsApp*, os *emojicons* camuflam alguns dos seus sentimentos, enviando um rosto feliz, quando de fato pode estar triste ou cansado do outro lado da tela. Ter seu *smartphone* sem bateria ou perde-lo lhe causa uma sensação de isolamento, principalmente, quando precisa comunicar uma notícia importante. Perder fotos, é perder recordações de momentos da vida, registrar é não deixar que memórias um dia sejam esquecidas, é controlar uma parte das próprias lembranças. Sua câmera fotográfica é capaz de capturar emoções, capaz de capturar um “pedaço da alma”. Caso seu *smartphone* fosse outro objeto, seria um conjunto de objetos diferentes como: um caderno, uma câmera fotográfica, um correio, tendo diferentes funções. Com a configuração de uma senha no dispositivo, informações pessoais ficam guardadas, como fotos, seu saldo bancário, senhas das mídias sociais, informações pessoais. Jogar “*Pokémon Go*”, jogo que funciona com *GPS*, faz parte de um dos seus novos lazeres dentro do *campi*. Mais para o fim da entrevista atende uma chamada de sua mãe e nos explica que tinha ficado de ligar pra ela, pois tinha contratado um novo plano para falar com o pessoal de lá, mas que não tinha ficado ativo ainda. Dessa forma, sair de sua pequena cidade, lhe possibilitou abrir horizontes, modificar concepções e expandir suas experiências de vida.

## **Lucas**

A autora da dissertação e outra pesquisadora conheceram Lucas durante uma observação participante. Em uma manhã, aos arredores da CEU II o abordamos enquanto

estava tomando uma xícara de chá. Pedimos a ele se, naquele momento, estaria ocupado e caso estivesse livre, se poderia ceder um pouco do seu tempo para que fosse possível pudesse conhecê-lo e conversar sobre o tema da pesquisa. Com o decorrer da conversa, ele pareceu sentir-se à vontade, sendo simpático e receptivo conosco, demonstrando abertura e interesse ao diálogo.

Alguns meses depois, retomamos o contato e foi marcado um encontro. Ele convidou mais uma amiga para participar, sentamos em mesinhas que ficam na área ao ar livre, próximo ao restaurante universitário. Durante nosso encontro, uma amiga passou por ali e quis ficar e participar. Outra amiga chegava e saía, estava inquieta e nervosa tentando resolver um problema com a vaga que ocuparia na CEU II. Neste momento, vamos apresentar Lucas.

Lucas está no primeiro semestre de Educação Especial, tem vinte e cinco anos, migrou de Brasília e mora na União Universitária. O seu desejo era cursar Psicologia, mas não foi possível nesse ingresso, mas pretende buscar vagas remanescentes. Quando morava em Brasília, ele morava com os avós, mas antes de vir para Santa Maria morou um ano sozinho lá mesmo.

Ao chegar na cidade, Lucas conta rindo que o que chamou mais a sua atenção foi o frio, visto que ele chegou justo no inverso, disse que, então, precisava se aquecer com o chá ou chimarrão. Sentiu-se acolhido pelos gaúchos e lembrou que em Brasília as pessoas costumam ser “mal educadas”, já que não tem o hábito de dar “bom dia” e te olham “dos pés à cabeça, quando você tenta estabelecer uma conversa ou ser simplesmente cordial, educado com a vizinhança”. Pensava que morar na União iria ser pior do que estava sendo. Contou-nos que concordou com a fala de um amigo: “se as pessoas daqui compartilham o mate, a baba um com o outro, elas vão conversar contigo, então fica tranquilo”. Na conversa também explicou algumas “regras” sobre, por exemplo, se você está morando na CEU II e se 50% das pessoas que moram junto, não gostarem de alguém, essa pessoa é obrigada a voltar para a União. Vários são os comentários sobre a moradia, o que faz com que muitos(as) universitários(as) criem um imaginário e fiquem receosos.

Em suas falas ele parece ser muito extrovertido, sempre trazendo brincadeiras em suas conversas. Lucas falou que usa os aplicativos para encontrar alguém para um relacionamento amoroso ou, para pelo menos, fazer uma nova amizade: “ninguém me quer (risos) por isso eu uso todos os aplicativos, para conhecer o máximo de pessoas possível, porque vai pelo menos a amizade cola né.” Comenta que é homossexual e que está solteiro há cinco anos, entretanto, explica que tem exceções nas quais está “beijando alguém”. Lucas diz que as pessoas que usam o *Tinder* podem usar uma foto “diferente”, com filtros, *Photoshop*, falsa ou usar a

melhor foto, o melhor ângulo. Também comenta sobre um rapaz com quem estava se correspondendo, mas que estava chateado, porque às vezes ele dava atenção outras vezes não, como se só desse atenção quando percebia que estava o perdendo.

Lucas percebe que vivemos em um ambiente no qual as pessoas não têm paciência, resultado da maneira pela qual as pessoas estão fazendo uso dos *smartphones*:

Elas querem que você responda sempre na hora, antes como a comunicação era por carta, você era obrigado a esperar uma resposta, daí hoje em dia não, hoje em dia você, todo mundo, inclusive eu sou assim, eu mando uma mensagem pra alguém, se a pessoa não recebe eu já começo a ficar neurótico. Se a gente tá tendo um relacionamento é ainda pior porque a gente acha que a pessoa tá traindo (risos).

## **Letícia**

Numa tarde de junho, a autora da dissertação auxiliada por outra pesquisadora, caminhavam aos arredores da CEU II, quando viram um grupo de jovens na frente de um dos blocos, com xícaras tomando café. Resolveram parar e conversar. Disseram que estavam àquela hora ali, reunidos conversando, porque o sinal de internet no *campi* não estava funcionando desde manhã. Demonstraram dispostos a participar da pesquisa. Neste momento, dentre os três jovens (dois rapazes e uma moça), vamos apresentar Letícia.

Moradora da CEU II, Letícia tem vinte e quatro anos, migrou de Santa Cruz do Sul, cursa o segundo semestre de Enfermagem e é “apaixonada” por animais, sendo uma das voluntárias organizadoras de uma ONG de sua cidade natal.

Letícia conta que com 14 anos iniciou um namoro virtual, à distância, e foi conhecer o namorado pessoalmente um tempo depois de trocarem informações pela internet. Diz que a internet ajudou e continua ajudando nos seus relacionamentos, sejam eles de amizade, namoro ou paqueras. Relata que por intermédio das mídias sociais é possível conhecer certas características da pessoa que ela está interessada, e que muitas vezes, pessoalmente, acaba não conseguindo se expressar logo de início, por isso, muitas vezes a conversa começa pelo meio virtual. Fala também, que se não for feito “bom uso” do *smartphone*, ele pode atrapalhar muito nos relacionamentos, cita como exemplo, um aplicativo que pode rastrear o local onde o outro está, usado como forma de controle.

Me interessei por uma pessoa, mas não sabia se poderia ser recíproco ou não. Eu não sabia da orientação sexual dela. Então eu instalei o aplicativo só para saber daquela

determinada pessoa. Daí eu comecei a procurar, procurar, procurar, daí eu achei a pessoa e deu “*match*”! Mas enfim, eu conhecia ela ao vivo. Eu fui para o aplicativo para poder ver se eu tinha chances de me aproximar.

Em relação às postagens e aos compartilhamentos, Letícia diz preferir manter certas particularidades da sua vida, o que não elimina o fato dela postar coisas sobre o seu sentimento do momento, e diz sentir certo alívio quando consegue postar o que sente: “uma frasezinha aqui, outra ali, quilo pode dizer muito do que tu está sentindo.”

O *smartphone* ocupa grande importância em sua vida, pois é pelas mídias sociais, que fica sabendo o que se passa no mundo contemporâneo, é a ferramenta pela qual pesquisa sobre os estudos da faculdade, lê notícias, particularmente sobre a situação política atual, novidades que aparecem no dia a dia, assiste séries, filmes, documentários, e (também) se comunica com as pessoas, além de ser a via pela qual consegue gerenciar o grupo no *Facebook* vinculado à ONG que fica em outra cidade:

Quem é que vai assistir televisão? Eu sou uma que não assisto. Tenho o *Netflix* no celular e eu assisto no celular mesmo, assisto o que eu quero, eu já olho o filme e as coisas no meu celular né. Eu dou o *notebook* pros gurus olharem quando eles querem olhar alguma coisa, porque, o celular é tão bom pra isso! Eu assisto muito filme, muita série pelo celular [...] Eu tô num grupo de Santa Cruz, que eu tive participando através da internet, pensa bem, se não tivesse a internet, eu não ia conseguir participar tão ativamente. Se fosse só o computador, também, porque não é toda hora que tu tá com o computador. Com o celular é muito mais prático, pode tá conectado o tempo todo, pode tá na aula e dá uma olhadinha.

Letícia vê o *smartphone* como algo que faz parte dela, que está sempre com ela, chegando a se sentir incompleta quando o dispositivo não está por perto: “às vezes a gente tá no telefone, a gente tá falando com alguém e fica, assim, ‘cadê meu celular?’, eu faço muito disso (risos)”. Em contradição, diz achar horrível quando as pessoas estão reunidas em uma roda e quando percebe estão todas mexendo no aparelho sem interagirem umas com as outras – ressalta pontos “positivos” e “negativos” dos usos.

### **Larissa e Eduarda**

Num dia de junho, no intervalo entre o horário de almoço e aula, a autora da dissertação acompanhada de uma pesquisadora, foram na União Universitária. O corredor que conecta os alojamentos, a cozinha, o laboratório de informática e o SATIE, possui um espaço



para o porteiro com mesa e cadeira, compartilhado com um espaço recreativo, com sofás e televisão. Depois de conversarem algum tempo com ele e ter conhecido os cômodos, ficaram sentadas por ali observado a rotina dos moradores. Uma moça sentou ao lado das pesquisadoras para conversar com ele, elas aproveitaram a oportunidade para se apresentar. Aos poucos foram chegando mais amigos e ela, então, convidou-os para ficar e buscar mais cadeiras (totalizando cinco participantes). Neste momento, vamos apresentar Larissa e Eduarda.

Larissa saiu do interior paulista para cursar Arquitetura. Possui vinte anos, está no segundo semestre do curso e mora na União Universitária: “aqui você vai achar gente de tudo quanto é canto”. Quando se mudou para cá diz ter compreendido realmente a importância do *smartphone*, uma vez que é a via pela qual ela pode ter contato com as pessoas que estão longe. Seu pai, por exemplo, costuma ligar. Sente-se chateada quando vê alguém online e essa pessoa não responde, pois como está longe ela tem mais essa necessidade de conversar, diz sentir muitas saudades. Todavia, mesmo que se sinta “ansiosa” para que seja respondida logo, entende que as pessoas não tem essa obrigação e que podem estar ocupadas com outras coisas, mas ela diz que não tem como evitar, principalmente quando o namorado demora. Quanto aos aplicativos, diz usar mais o *Messenger* do *Facebook*. Larissa percebe que quando está realmente se divertindo diz com os amigos, frequentemente, esquece de tirar fotos.

Eduarda migrou de ainda mais longe: Natal no Rio Grande do Norte. Mas comenta que já havia morado longe, em Brasília. É acadêmica do segundo semestre de Letras Português (Bacharelado) e mora na CEU II. A relação que Eduarda tinha com o *smartphone* antes de morar em Santa Maria era mais intensa, tinha que estar com ele o tempo todo. Mas ao se mudar deixou de ficar tão “dependente”, revelando que até seus amigos que moram longe passaram a reclamar quando, por exemplo, ela demora para responder o *WhatsApp*. Para ilustrar ela conta o caso de uma amiga que brigou “feio” com ela pela demorava, ficando por um tempo sem contatá-la. Ao longo do ano, ela iniciou um namoro com um morador, que +não é nenhum pouco “ligado” ao *smartphone*, tentando ainda se acostumar:

Acho uma bosta. Saio da aula aí eu vou ligar pra ele, onde que ele está. Aí eu ligo pro celular e tá fora de área, *aff!* Eu nem sei porque eu ainda ligo, porque ele nunca tá. Quando eu falo no *WhatsApp* ele nunca olha, daí eu mando mensagem pro *Facebook*, ele também não vai olha. Tipo tem coisa no *Facebook* faz uns dois meses e ele ainda não visualizou a mensagem. Aí eu ligo e você também não atende, vai na união que ele vai tá lá. - Não é que eu não atenda o celular, é que ele tá desligado [diz o namorado que estava junto]. É ruim, mas como eu sei onde ele tá, tudo bem, mas tipo, quando teve uma vez, aquela vez que você sumiu aqui, que a gente ficou procurando você, logo no começo do ano, que você tava na casa das meninas tomando chimarrão, tipo você desapareceu e foi aparece na meia-noite. Eu achei que

ia encontra teu corpo boiando em qualquer canto, porque você não tinha atendido o celular.

Eduarda diferencia as mídias sociais que usa, considerando o *WhatsApp* como um aplicativo para um contato mais direto que o *Instagram* e *Facebook* porque, estes últimos, funcionam por postagens. No *Instagram*, “é o que você parece ser”, a mídia na qual se quer ter muitos seguidores, para “se achar popular”. Em sua opinião, o pessoal mais velho usa mais o *Facebook*, enquanto o pessoal mais novo prefere o *WhatsApp*, incluindo-se nessa preferência.

## 6 **SMARTPHONES, SEUS USOS E SIGNIFICADOS: SOCIABILIDADES E PERTENCIMENTO**

As histórias pessoais dos(as) participantes são importantes para conhecê-los em suas singularidades, contudo buscamos analisá-las entretecidas com o contexto e com as cenas sociais. Toda singularidade carrega o social e vice-versa, pois o sujeito se faz na alteridade. Consideramos os(as) participantes como resultado de relações com outras pessoas, com coisas e com lugares.

A fim de contemplar o objetivo da dissertação: analisar as práticas de consumo de *smartphones* por universitários(as) na produção de subjetividades, colocamos em foco três constructos teóricos principais, que não são os únicos ao longo de todo processo de construção do campo, mas que se entrelaçam: comunidade, pertencimento e sociabilidades. Esses três construtos expressam os usos, significados engendrados nas relações entre os participantes da pesquisa e seus *smartphones*.

O material produzido a partir da pesquisa empírica foi extremamente denso e rico inviabilizando, para este momento, uma análise que abrangesse todos os elementos observados. Velho (2013) assinala: “a quantidade e a complexidade dos problemas que surgem nas entrevistas colocam, claramente, que apenas um especialista ou um tipo de abordagem não poderá de forma alguma aproveitar, conseqüentemente, todos os dados” (p. 35). De acordo com o antropólogo, é fundamental um trabalho interdisciplinar para que os dados construídos possam ser aproveitados e analisados. Porém, não apenas um trabalho interdisciplinar é capaz de definir a utilização de todos os dados, outros fatores podem influenciar, como: a maneira subjetiva com a qual o(a) pesquisador(a) conduz todo o processo, o enfoque intencional sobre alguns aspectos, o tempo instituído para realizar a pesquisa empírica e o prazo para a escrita do trabalho final.

Convidamos o leitor para nos acompanhar o capítulo temático “Comunidade, Pertencimento e Sociabilidades, como um “*expect-actor*” (ZANELLA, 2013), isto é, como um sujeito ativo e compositivo da dissertação. “Há também no texto acadêmico um ESCREVER COM o leitor. Assim o *expect-actor* é co-criador do texto. Sua leitura poderá provocar uma experiência não planejada no ato da escrita” (MIRANDA; MOURÃO, 2016, p. 171, grifo das autoras).

## 7.1 COMUNIDADE, PERTENCIMENTO E SOCIABILIDADES

O território composto pela CEU II e União Universitária pode ser compreendido como uma comunidade com o que foi percebido junto aos(às) moradores(as). De acordo com Jovchelovitch (2008), comunidade é um contexto social:

Nem tão próxima de nós como a família imediata ou os vários grupos aos quais pertencemos nem tão distante como as regras gerais, os códigos e práticas que governam e estruturam as sociedades mais amplas em que vivemos, a comunidade é um espaço intermediário que nos oferece os recursos simbólicos e materiais para a vivência da dialética entre o sujeito singular e o mundo social. [...] É porque pertencemos a uma comunidade que sabemos como interpretar e dar sentido ao modo como outros ao nosso redor se comportam e se relacionam conosco; comunidades nos garantem o referencial a partir do qual, e em relação à qual, nosso sentido único de EU se origina. Seria muito difícil, se não impossível, tornar-se pessoa, sem comunidade. (p. 172)

Observamos os(as) moradores(as) da CEU II e União Universitária engajados no constante processo de se *tornarem* integrantes, uma vez que desejam se sentir pertencentes ao local, construindo e sendo construídos pelas relações que ali se engendram; com outros(as) moradores(as), com a instituição UFSM e com os *smartphones*. “O estar junto não é algo que já está lá, *a priori*, ou que emerge já pronto na vida social. O estar junto é um longo e laborioso processo que necessita ser construído; ele é uma conquista” (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 127-128). A construção desses espaços intersubjetivos configuram as identidades sociais, o Eu, a comunicação e o diálogo e, adicionaríamos, a configuração das subjetividades desses(as) moradores(as). Os “nós associativos” que geram a experiência de pertença são oferecidos pelo conhecimento comum produzido pela comunidade:

Narrativas individuais e narrativas comunitárias são entrelaçadas de tal modo que, quando a história de uma vida individual é contada, ela contém a história, os acontecimentos, as formas culturais e as maneiras de se comportar de toda uma comunidade. De modo recíproco, a lembrança, a discussão e desafio de acontecimentos, histórias importantes a uma comunidade permitem a sujeitos individuais reconhecer neles seu poder, com eles se identificar ou deles se distanciar, apoiá-los ou apaixonadamente rejeitar o que está em jogo. É a experiência do vínculo que produz a psicologia da pertença, o sentimento de que nos encaixamos em um meio cultural, compreendemos o que é tomado-como-dado por outros ao nosso redor e nos comunicamos bem sem a necessidade de ser explícito o tempo todo (JOVCHELOVITCH, 2008, p. 137-138).

Concebemos esse conhecimento comum a que Jovchelovitch se refere, sendo tecido por intermédio das sociabilidades, que estão relacionadas as mais variadas formas de se relacionar e interagir no cotidiano. Para Velho (2013) o que é chamado de sociabilidade está

muito próximo de uma discussão sobre o cotidiano, interação e costumes; abarca questões “do dia a dia, do convívio, dos encontros e dos desencontros, da negociação da definição de situações” (p. 174). O autor sugere que não fiquemos restritos ao entendimento do fenômeno como postulado por Simmel (1950), pois o trata com muita precisão:

É o social puro, é aquela interação que não está ligada a outras motivações, a outros interesses, que não está determinada por razões econômicas, por razões políticas ou de qualquer ordem. Não há interesses, senão a interação em si mesma. [...] numa relação ou em relações em que não estejam envolvidos fatores fora da relação propriamente dita (VELHO, 2013, p. 171-173).

Por isso sociabilidades no plural, pois existem situações interacionais dos mais diversos tipos. Durante o tempo de interação com moradores(as) na pesquisa, pudemos observar sociabilidades ambivalentes, que aproximavam, formavam laços de solidariedade, produziam sentido de família e outras que segregavam, excluíaam, hostilizavam. Sociabilidades experimentadas na estreita convivência de diferentes. Em sintonia com o que afirma Jovchelovitch (2008, p. 32):

A comunidade é, ela própria, construída pelas inter-relações entre o mesmo e o diferente, o Eu e o Outro. A comunidade não é uma totalidade homogênea, nem um agregado de átomos individuais. Ela é um campo de tensões e inter-relações que permanece um todo inacabado, sempre aberto à mudança de dentro ou desde fora

Os(as) participantes queriam falar sobre essa intensa experiência de morar na CEU II e União Universitária. O desejo que transbordava nos fez perceber a multiplicidade das relações. A queixa constante da espera para sair da União ou a insatisfação com a precariedade da infraestrutura de alguns blocos e apartamentos, irrompiam e demandavam escuta em nossas conversas, ao mesmo tempo em que conseguiam ver positividade nessa experiência, reconhecendo que o maior aprendizado consistia, justamente, viver no coletivo e na diferença. Os próximos trechos dito por uma das moradoras expressa a existência de diversas sociabilidades que permeiam as convivências, coexistindo na ambivalência:

O cubículo é um quartinho que cabe uma cama de solteiro, cabe alguma coisa mais, mas entra de frente e sai de ré. É muito pequeno. É uma dispensa na verdade, só que tem muita gente que fica, se tu for ver na parte de trás tem muita gente que mora no cubículo. Ela [a colega de quarto] que mora no cubículo quer privacidade, porque tem gente que não gosta muito... Eu sou uma pessoa que falo bastante, tu já viu né (risos). Eu gosto de companhia, eu vim pra cá achando que “ah mora num quarto sozinho seria ótimo”, mas tu se sente muito sozinho sabe. E aí tu fica no quarto e tu não tem com quem dividir. Tem outra coisa, tem apartamentos que o pessoal se dá muito bem e tem apartamentos como o meu que o pessoal não conversa, sabe. A gente conversa o que precisa conversar, sobre a limpeza, sobre a conta do material de limpeza e só. Ninguém senta pra conversar, claro que eu sei que tem muitos

apartamentos que o pessoal é muito amigo assim, aqui não, até porque a gente teve umas discussões porque o pessoal não é muito de limpeza, daí a gente briga. (Luana)

Essa convivência que a gente tem [com a antiga colega de quarto], ela passou por muita coisa na vida... O que eu me vejo, “não pega as minhas coisas” e ela assim “pode pega, tu quer uma roupa? Pega” sabe, essa coisa de tu se solidarizar, de tu quere ajudar, de tu querer tá sempre ali. É como a minha madrinha disse “muitas vezes tu não vai poder ajudar a mesma pessoa que te ajudou, mas tu ajuda a próxima pra que ela ajude a próxima e assim vai indo”. Tu se sente bem em ajudar o próximo mesmo que tu não consiga ajuda aqui e geralmente é assim. Eu tentei ajeitar a casa pra metade das gurias que tavam comigo na união, algumas deu certo, algumas nem tanto. Aqui na casa tu te sente obrigado a ajudar, porque tem sempre alguém te ajudando sabe. Eu lembro do começo, de ter passado mal, tava muito mal de dor de cabeça, não conseguia levanta da cama de dor. Eu lembro do guri sair lá da união pra vir aqui me trazer remédio porque eu não tinha nada em casa e são amizades que começam assim ó meio que do nada e que tu carrega um carinho muito grande mesmo que a gente quase não se veja, mesmo que a gente quase não se fale, quando eu vejo a gente vem se abraça e tudo, e é assim com quase todo mundo. (Luana)

Nessa situação, em busca de ajuda, Luana postou no grupo do *Facebook* “Universo CEU II”. Em vista disso, outro elemento que constitui as relações no cotidiano desse comunidade, é o *smartphone*. Na era das conexões, com a pervasividade da tecnologia digital, os *smartphones* criam formas diferentes e inventivas de sociabilidades, que veremos a seguir.

Conforme os relatos, os *smartphones* são usados pelos(as) participantes para comunicarem-se por meio das ligações, mas ainda mais, por meio das mídias sociais. Desse modo, os *smartphones* sustentam as sociabilidades desses(as) universitários(as), sendo muito comum terem adicionadas em suas mídias sociais as pessoas mais próximas e as que interagiram em algum momento, como um registro da existência de um vínculo. Alguns deles, por exemplo, adicionaram as pesquisadoras no *Facebook*, antes e outros depois dos encontros dialógicos acontecerem.

No que diz respeito ao uso dos *smartphones* e às especificidades dessa comunidade, observamos mudanças na relação desses jovens com o tempo e com os espaços, desafiando fronteiras e limites, a partir da possibilidade de um acompanhamento ágil e contínuo, ou nas palavras de Moura e Montovani (2005), uma agregação *just-in-time*, com família e amigos da escola ou namorado(a) que deixaram na cidade onde moravam para residir no *campi*.

Eu tenho um celular faz tempo e tem um lugar importante pra mim, porque eu moro há 7 anos aqui em Santa Maria, meus pais do interior, moram na Quarta Colônia [região do Rio Grande do Sul], então é o meio de comunicação com eles que é quase todos os dias. Ou eu ligo pra eles ou eles me ligam e também hoje, desde o início do ano, é a maneira como eu me comunico meu namorado que também não é daqui, ele tá morando no Rio, então é a forma que nos mais nos falamos é pelo telefone. (Ariane)

Podemos perceber que há um aumento da distância espacial que conduz a um

encurtamento temporal. O corpo não pode estar lá presencialmente/materialmente, mas por meio da tecnologia o sujeito altera a interação, criando uma nova dinâmica familiar e de sociabilidade, que certamente merece maior aprofundamento por parte da Psicologia, de modo a entendermos quais as consequências a longo prazo dessa alteração nos modos de nos relacionarmos uns com os outros.

Ariane ganhou um aparelho assim que veio para Santa Maria cursar o ensino médio em uma escola pública. Assim como ela, muitos dos(as) participantes adquiriram o primeiro celular exatamente para poderem ser acessados pelos familiares devido ao deslocamento de cidade, na intenção de “neutralizar a dispersão familiar”, “estendendo os laços protetores do lar” (WINOCUR, 2009, p. 13, tradução nossa):

Desde que eu vim pra cá [2009], desde dos meus 14 anos [que possui um celular]. Não tinha internet, era só pra me comunicar com meus pais mesmo, era basicamente só pra isso. Era bem simples. Eu fui ter um celular com internet em 2011 [...] mas que ainda não era como hoje, né, [agora ela possui um *Iphone*] com internet, era mais [para acessar] acho que o *Facebook* senão me engano [...] mas era mais meio de comunicação mesmo com a minha família, enfim eu acessava [o *Facebook*] mais pelo computador. (Ariane)

Sob esse aspecto, o *smartphone* (no início, o celular) pode ser entendido como um artefato de “comunicação fisio-afetiva” utilizado pelos pais (ou cuidadores) dos estudantes, propiciando certa segurança no processo de educação dos filhos, sendo capaz de produzir uma continuação do “holding”<sup>13</sup>, que precisa ser instalado desde o nascimento da criança, nos adolescentes e jovens. É fisiológico, pois toca o corpo de quem o segura e é afetivo porque representa o cuidado maternal/paternal.

Esse processo de “ciber-holding” parece ser potencializado pelo alargamento das distâncias territoriais. A vinda para a CEU II das mais diversas cidades não só do estado, mas de todo o país, especialmente, desde 2016 com a aderência da UFSM ao SISU, movimentou diversos afetos, especialmente a saudade, que remete ao pertencimento que os jovens experimentavam na cidade de origem. Eduarda saiu do Rio Grande do Norte para estudar. Essa mudança gerou um significado especial para o seu *smartphone*, a partir da necessidade de entrar em contato com a família, reforçando suas características pessoais:

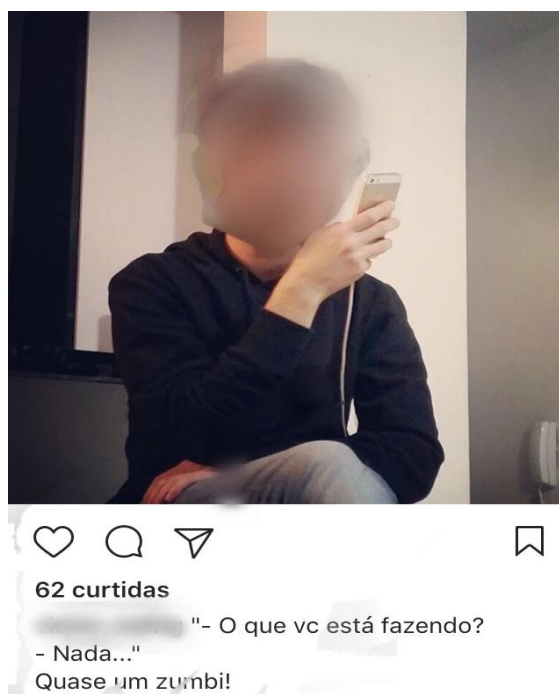
---

<sup>13</sup> “O *holding* consiste no “primeiro ambiente do bebê”, um “suporte confiável” que deve existir desde o nascimento para que o recém-nascido possa avançar em direção à integração e ter preservada sua experiência de continuidade. Tal suporte implica a forma cuidadosa com que o bebê é sustentado pelo outro numa etapa da vida na qual é ainda incapaz de executar movimentos suficientemente autônomos” (KLAUTAU; SALEM 2009, p.39).

Quando vim pra Santa Maria eu não usava o celular pra quase nada, esquecia em casa, deixava descarregado, todo mundo me xingava por isso [...] só que quando eu vim pra cá eu entendi, sabe, realmente a importância do telefone, que é você ter o contato das pessoas. Por exemplo, o meu pai quando me liga é sempre em momentos muito específicos, sabe, então tem que estar atenta, daí eu tenho que responder, daí eu sinto aquela... antes eu não sentia, mas hoje eu sinto aquela coisa que precisa a pessoa [responder], tu vê *online* e não me responde, poxa eu tô longe, “a pessoa não quer conversa comigo, não sente saudade?” [...] Porque eu sou uma pessoa, assim, muito família. E eu percebi mais isso quando vim pra cá, entendeu, que eu sou muito apegada, que eu sinto muita saudade, assim, apesar de eu não demonstrar tanto assim pras outras pessoas, só pros meus amigos. (Eduarda)

A distância física daqueles que já se está apegado, conduz a uma ressignificação dos *smartphones* produzida a partir dos novos usos empregados, atribuindo-lhes (novos) papéis nas (novas) vidas dos universitários. A ressignificação assegura o pertencimento ao lugar de origem, evitando a quebra de vínculos e funciona como um alento à saudade. Certamente, essa ressignificação pode operar de muitas formas, no entanto, parece existir uma “chamada” a estarem sempre com alguém, como se não deversem ou não pudessem estar sozinhos. Muitos dos(as) participantes, senão maioria, falaram que ficavam sempre próximos ao *smartphone* caso algum familiar ligasse. Seria mais um desejo dos filhos de estar disponível ou uma preocupação e necessidade dos familiares estarem sempre com os filhos? Os *smartphones* ajudam a manter essa ligação, talvez, por isso muitos deles compram o aparelho para seus filhos e acabam permitindo que fiquem tanto tempo na internet, visto que se sentem mais tranquilos quando os filhos carregam o *smartphone* para todos os lados. Sendo assim, o fio da bateria poderia estar representando um cordão umbilical? (Figura 24)

Figura 27 - Nesta foto postada por Lucas no *Instagram*, o fio da bateria se parece com um cordão umbilical.





Fonte: *Instagram*, Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

Uma característica em particular no uso dos *smartphones* foi ouvida frequentemente nos encontros dialógicos: a imediatez. A possibilidade dos pensamentos e sentimentos serem expressos assim que surgem (LASÉN, 2004) das mais variadas formas, parece ter relação direta com a emergência da necessidade de fazer um uso imediato. “Estar em comunicação em todos os momentos e em todos os lugares tornou-se um ato urgente e indispensável” (WINOCUR, 2009, p.12), e acrescentaríamos inadiável, com base na fala de Luana. Parece haver também uma motivação por parte dos(as) moradores(as) de estar em contato. A universitária não convivia há mais de 2 anos com a mãe e com o irmão quando veio para Santa Maria:

Sou apegada ao que ele me proporciona a poder tá perto, a poder falar toda a hora, poder conversar o tempo inteiro, poder resolver as coisas rápido, porque eu adoro resolver as coisas rápido. As coisas que prolongam me deixam tensa. Então, se eu precisar, eu saio do meio da aula pra ligar pra minha mãe, pra falar uma coisa pra mim resolver, não importa a aula, eu saio pra resolver se aquilo tá me agoniando [...] essa comodidade de eu poder resolver as coisas rápidas e ficar mais tranquila, porque eu sou bem agoniada com umas coisas. (Luana)

O uso recorrente dos *smartphones* nas aulas foi também observado em campo, tanto pelos alunos quanto pelos professores, não causando o mesmo espanto ou repressão de alguns anos atrás, ou mesmo, um constrangimento por parte de quem usa. Os *smartphones* estão participando diretamente da redefinição dos códigos de interação social relativos aos espaços públicos (LASÉN, 2004), capaz de modificar a dinâmica de momentos ritualizados como a aula (SILVA, 2007). Observamos, portanto, no contexto universitário uma maior integração e naturalização das práticas de consumo dos *smartphones* no cotidiano.

De modo geral, a partir da fala desses universitários, é possível perceber uma conexão contínua e íntima entre os membros familiares em diferentes momentos do dia, criando um “lar desterritorializado”, mencionado por Winocur (2009, p.25, tradução nossa). A antropóloga atenta que os jovens “não deixam de estar conectados à rede, ainda que tenham interrompido a conexão física, e não deixam de estar conectados com o mundo real, ainda que estejam fisicamente conectados à rede” (WINOCUR, 2009, p.23, tradução nossa). Percebemos que uma espécie de ubiquidade lhes é conferida, gerando um *continuum online-offline* entre sujeitos que estão sempre em movimento. Atualmente, o par antinômico

(MARKOVÁ, 2006) *online e offline* parece estar muito mais entrelaçado e em complementaridade ao invés de estar “em oposição a”, quando se era comum diferenciar entre “mundo real” *versus* “mundo virtual”. Miller et al. (2016) defendem que, assim, as interações *online* passam a ser um outro aspecto dos mesmos relacionamentos *off-line*. A complexificação dos espaços estrutura uma nova organização denominada por Lemos (2004) como “espaço de fluxos”. É justamente entre mobilidade, espaços de fluxos e espaços físicos, que surgem novas práticas urbanas (LEMOS, 2005) e, acrescentaríamos, possibilidades de formação e manutenção de laços sociais.

Quando estão chegando de outras cidades para morar na União ou na CEU II, os universitários relatam que as mídias sociais contribuem nas primeiras socializações. Existem grupos fechados no *Facebook* como o “Universo CEU II” que reúne os moradores da casa (5093 membros em março de 2017), onde todos podem interagir abertamente por publicações ou de modo privado por mensagens. Também existem grupos de conversas no *Whatsapp* que reúnem colegas de turmas ou, ainda mais amplo, os colegas de curso. Para muitos deles entrar nesses grupos foi um dos primeiros contatos que fizeram com pessoas que hoje estreitaram laços. O chimarrão, pertencente à tradição gaúcha, foi outro objeto muito observado nas “rodinhas” de jovens que se formavam ao ar livre no *hall* do RU e nos arredores da CEU II, principalmente nos fins de tarde. Especialmente os universitários que vieram de longe falaram do estranhamento, da curiosidade e da incorporação do hábito de tomar chimarrão. Assim como os *smartphones*, o chimarrão reúne universitários e participa desse processo de integração, ao local e aos colegas de moradia (Figura 25).

Figura 28 – Postagem de Lucas no *Instagram*: A incorporação de um hábito gaúcho por um paulista, expressando “estar fazendo parte”, enquanto conversa por *Skype* com um amigo que mora longe. Na primeira vez que o abordamos, em uma das perguntas sobre como ele estava se sentindo em Santa Maria, ele mencionou o frio e que estava começando a gostar de tomar chimarrão.



Fonte: *Instagram*, Diário de Campo de Luiza Sbrissa.

A postagem de Lucas em conjunto com a imagem, merece uma pausa maior de reflexão. O chimarrão não é apenas a “companhia” dele, é mais do que isso. A imagem, de um modo talvez ilusional, mostra o fio da bateria conectando-se ao *smartphone*, que por sua vez conecta-se ao chimarrão, que daí conecta-se em direção à Lucas. Há uma inseparabilidade entre objetos (chimarrão, *smartphone*), sujeito (Lucas) e mundo (*web-conferência*) muito bem representada pela foto, que rompe com a noção de existência de uma separação mundo virtual/mundo real. Afinal, como o comentarista da postagem diz: “Quem disse que precisa estar perto pra tomar mate junto?” E o afeto está ali, pulsando, como o *emoticon* do coração vermelho anexado ao comentário. Fazendo alusão à triangulação envolvida no trabalho representacional (JOVCHELOVICHTH, 2008), essa relação poderia ser registrada como um quarteto Eu-Outro-Mundo-Máquina.

Dando sequência, observamos fazer parte das trocas comunicacionais cotidianas dos moradores o envio de mensagens entre “colegas de moradia” para saber se estão em casa, o que estão fazendo ou para convidar para fazer algo, mesmo se estão a poucos metros de distância entre si. Também faz parte intercambiar informações e materiais das aulas com os colegas e manterem-se informados dos eventos que ocorrem no *campi*, bem como pesquisar e estudar por meio das mídias sociais e dos *sites* acessados pelos *smartphones*. Durante o trabalho de campo, observamos os próprios professores criando grupos ou páginas das disciplinas no *Facebook* para estar mais próximos desses jovens, intensificar as trocas diárias

e circular mais conhecimentos enquanto “olham uma publicação ou outra”, substituindo os grupos de *e-mail*.

Para além dos estudos, outro uso dos *smartphones* marcado pelo contexto universitário tem a ver com os estágios curriculares ou extracurriculares. Assim como nos foi indicado por Ariane, que cursa Relações Públicas e trabalha diretamente com o gerenciamento das mídias sociais, pertencentes às empresas para qual atua. Segundo ela, é necessário “ter esse contato meio que a todo o momento com o telefone pra poder acompanhar o que tá acontecendo e poder dar um retorno mais que imediato pros nossos públicos”, tornando-se uma “ferramenta essencial de trabalho”. Ela conta que nos primeiros anos foi difícil lidar com o trabalho e com a sua vida pessoal, pois ao poder estar sempre com o *smartphone* e, conseqüentemente, atenta aos dois, muito tempo do seu dia era consumido. Então, teve que aprender a separar e a se organizar com os horários.

Os *smartphones*, então, sustentam as sociabilidades, interligando os aspectos mais importantes das vidas desses jovens: família, amigos, pessoas com quem compartilham o “novo lar”, faculdade/universidade. Mas também encontramos outras facetas dessa mediação. Para alguns(as) participantes, como expresso por Eduarda, os *smartphones* têm participado ativamente no processo de adaptação à universidade. Se por um lado os *smartphones* facilitam, por não tornar escasso o contato com quem se era próximo, as novas experiências no *campi* são atravessadas por essa conexão, o que também pode atrapalhar, como explica Larissa, demandando que se aprenda a gerenciar “o aqui” e “o lá”. A instantaneidade pode reger a era das conexões, mas a experiência vivida pede um outro tempo para ser elaborada e saboreada, para que não reste apenas uma “experiência pobre”, como aquela descrita por Benjamin (1987). Além disso, esses dois casos em particular (Eduarda e Larissa), mostram como é singular o uso das tecnologias (e de qualquer outro objeto):

Eu fiquei pensando porque eu parei de usar o *Whatsapp* assim, porque antes eu não conseguia, eu ficava o dia inteiro, tipo a cada cinco minutos eu olhava o celular, sendo que depois que eu cheguei aqui [...] eu preciso tá mais em contato com as pessoas [...]. Para me estabelecer aqui eu não passo mais tanto tempo no virtual, entendeu. Por mais que eu queira falar com meus amigos, que eu sinta falta deles, eu não posso ficar o tempo todo falando com eles, porque é como se eu não conseguisse lida com os dois mundos. Não posso estar o tempo todo presente nele *online* nem todo tempo presente aqui, não funciona, então por isso que às vezes eu deixo, passo o dia inteiro sem entrar no *Whatsapp*, aí de noite quando tô em casar que daí não tô com ninguém, aí eu vô lá e respondo tudo. (Larissa)

Para Larissa o que está em jogo não é exatamente a separação entre o *online* e *offline* ou o virtual e o real, mas entre a cidade que deixou (Araçatuba, interior paulista) e a nova

residência (onde cursa o 2º semestre de Arquitetura), tornando-os “dois mundos” interseccionados conforme o uso do *smartphone*. A formação dessa antinomia parece necessitar ser excludente, sendo necessário se desconectar temporariamente dos antigos vínculos, para que possa estar mais conectada com a vida no *campi*. Há uma consciência de que não podemos viver apenas a relação humano-máquina, ainda precisamos da relação humano-humano. Algo semelhante ao que aconteceu foi observado quando íamos ao *campi* nos domingos. Os bosques, ruas e palcos improvisados para *shows* musicais, tornam-se espaços de lazer e entretenimento. Chamou-nos a atenção ser um dos momentos que menos vimos as pessoas com os *smartphones*. O uso destes não exclui e nem prescinde as interações face-a-face (MILLER et al., 2016), mas sustenta, aproxima e reinventa a presença dos outros (WINOCUR, 2009).

Quando os universitários diminuem o uso mesmo sem a intenção, passam a experimentar outras coisas, envolvem-se em outras interações e atividades. Foi o que aconteceu em uma sexta-feira, ao nos deparamos com um grupo de jovens tomando café e fumando, na entrada de um dos blocos da CEU II. Justificaram, rindo, que só estavam ali reunidos conversando naquela hora da manhã, pois a rede de internet na universidade não estava funcionando e que estavam “curtindo” esse momento.

Além do exposto, os *smartphones* parecem operar na mediação entre os sujeitos, o tempo e um mundo, para além de uma inserção simbólica. A pesquisa de Silva (2010), também realizada em uma região no sul do país, evidenciou que os telefones celulares inseriam os sujeitos simbolicamente em redes de sociabilidade e conectavam ao estilo de consumo, que se caracterizava por ser tecnológico. Mas com incorporação dos *smartphones*, os relatos dos universitários parecem denotar também a inserção em uma lógica mais concreta e cronológica. Como se os *smartphones* passassem a ser importantes para se “estar no tempo e no mundo” (transpondo a expressão da autora) fornecendo as coordenadas espaciais e temporais e para se saber ciente do que acontece, situado materialmente. Durante o encontro dialógico, Arthur, menciona esse papel desempenhado pelo *smartphone* mais de uma vez:

Se eu não tivesse o celular, eu não estaria fazendo nada. Quando eu tava ali [esperando o encontro], eu acessei tudo que eu não pude acessar, porque eu tava em casa lendo. Mas eu pude acessar, me colocar pelo menos em dia, com todas as notícias do momento, tudo o que tava acontecendo lá na minha família, tudo o que tava acontecendo com meus amigos, tudo o que tava acontecendo aqui, no mundo. Então, essa interação te proporciona, porque se você não tivesse celular, seria meio que a gente voltaria pra uma idade da pedra (risos). (Arthur)

Eu não tenho relógio, então eu não sabia nem aonde é que eu tava situado num lugar em relação ao universo (risos) [...] eu me senti bem deslocado [...] porque eu não

sabia, não sabia nada... Foi uma semana ou duas no máximo, que eu fiquei sem [o *smartphone*], mas foi uma semana bem, que eu fiquei bem perdido em relação a tudo. (Arthur)

A segunda fala expressa o lugar de importância que Arthur designou ao *smartphone*. Essa importância torna-se mais clara, justamente no momento que o perde, durante o seu primeiro semestre na CEU II, no início de 2016, quando migrou de uma cidade no extremo oeste do Paraná para se matricular em Ciências Sociais. Esse relato foi semelhante a de muitos outros universitários que perderam, esqueceram ou tiveram seus *smartphones* roubados. Pode ser ilustrado também a partir da situação de uma das participantes, que ao ficar longe um dia do seu *smartphone* pois o havia esquecido, não conseguiu dormir bem à noite (estava sem despertador, sem os números das salas de aula que ainda não havia decorado e ficou receosa que a mãe ligasse e pudesse ficar preocupada). No dia seguinte, foi encontrado no *campi* e devolvido. Os objetos possuem a capacidade de desvanecer diante dos nossos olhos, pois se tornam tão naturalizados, que passam a compor um segundo plano, como um cenário ou uma moldura para o que realmente acontece (MILLER, 2013). Os *smartphones* “estão ali, trocando uma quantidade quase infinita de dados a todo instante, e em geral, é só quando falham que voltamos a percebê-los” (MARTINO, p. 2014, p. 9). Quando não é mais possível ignorar os efeitos ou falta destes é que reparamos, reconhecendo até mesmo a dimensão do apego ao objeto.

## 7 (IN)CONCLUSÕES

Esta dissertação objetivou analisar as práticas de consumo de *smartphones* por universitários(as) na produção de subjetividades. Especificamente, pretendeu-se investigar as interfaces entre o consumo e o consumismo na era das conexões. A partir dos capítulos temáticos elaborados, esboçamos uma possível análise. No campo de estudo composto pela União Universitária e CEU II, observamos o consumo de *smartphones* difundido de modo visível. A forma de se comunicar parece ter mudado completamente, não basta realizar ligações ou enviar mensagens de texto, os *smartphones* devem oferecer mais recursos e praticidades que foram propiciadas pela internet e pelos aplicativos. Nesse sentido, os aparelhos têm sido definidos pelo acesso às mídias sociais e às múltiplas funcionalidades, logo, um *smartphone* sem internet torna-se nada; além de ser a principal tecnologia, senão a

única que possuem, mudando a maneira de se relacionar com outros objetos, como *notebooks*, agendas e relógios. O valor do smartphone atribuído pelos(as) participantes parece variar conforme a potencialidade tecnológica do modelo. Isso significa que, quanto maior capacidade de armazenamento, maior duração da bateria, melhor qualidade da câmera etc., mais estimado será e o proprietário(a) sentirá uma maior inclusão digital.

Recorremos aos constructos “comunidade”, “pertencimento” e “sociabilidades”, uma vez que expressam particularidades observadas nos usos e significados atribuídos nas relações entre os participantes da pesquisa e seus *smartphones*. As particularidades dessas relações dizem tanto do contexto social, experimentado no sentido de comunidade, quanto da singularidade de cada morador(a). De modo geral, observamos os *smartphones* participando do processo de ressignificação do espaço em que moram, que se caracteriza por ser tão coletivo, em um “lar”. O grupo no *Facebook* “Universo CEU II” destacou-se como exemplo de uma apropriação coletiva, criativa e transformadora das mídias sociais, possuindo o potencial de impactar positivamente a realidade dos(as) moradores(as), para que se possa viver melhor. O grupo é utilizado como meio de comunicação com diversas intencionalidades, tais como: movimentar um comércio local, intensificar laços de solidariedade, fazer denúncias etc. Os *smartphones*, assim, sustentam e reinventam sociabilidades, unindo simbolicamente os aspectos mais importantes na vida desses(as) moradores(as), contribuindo na construção das suas subjetividades: família, amigos, namorados(as), pessoas que compartilham o “novo lar”, faculdade/universidade. Os *smartphones* são, assim, conexão pura. No entanto, o campo mostrou que, pelo menos ainda, não podemos viver apenas a relação humano-máquina, ainda precisamos da relação humano-humano.

Foram vários os questionamos que chegam conosco ao final do trabalho. Nossa pesquisa limita-se ao não ter muitas respostas, mas se empenha em pensá-las qualitativamente. Os participantes com os quais nos encontramos dizem da realidade geral da CEU II? Os *smartphones* poderiam simbolicamente exercer o papel de objeto transicional, tal como entendido por Winnicott (1971)<sup>14</sup>? Há diferenças no uso de gênero nos *smartphones* nesse campo? Observamos que apenas um dos participantes estava no penúltimo semestre, enquanto o restante estavam situados ou no início ou na metade do curso o que pode ter produzido efeitos, tais como ressaltar os processos em curso de separação dos cuidadores e da

---

<sup>14</sup> Em: WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1971.

cidade que migrou e o de tornar-se adulto(a). Identificamos uma demanda por parte dos(as) jovens(as) de escuta sobre suas experiências de moradia, o que merece atenção de futuros pesquisadores(as) e do serviço de atenção estudantil. Nossa pesquisa limitou-se ao não ter sido complementada com uma análise quantitativa, para investigar a posse do *smartphone* pelos(as) moradores(as) como um todo, deixamos, então, como uma sugestão. Pretendemos seguir com a análise do material buscando adensar as discussões levando em considerações das dimensões afetivas e de apego nas relações dos participantes com os *smartphones*, que a análise esboçou.



## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, A. Meandros da teoria: a dimensão afetiva das representações sociais. In SOUZA et al. (org.). **Angela Arruda e as representações sociais: estudos selecionados**. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014. p. 67-85.
- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados Etnográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BELTRÃO, R. **Cronologia Histórica de Santa Maria e do Extinto Município de São Martinho: 1787-1930**. 3.ed. Santa Maria: UFSM, 2013.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. **Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Disponível em: <<https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2017.
- BÔAS, L. P. S. V. Apontamentos sobre a questão da historicidade no estudo das representações sociais. In: Sousa, C. de P. et al. **Representações sociais: estudos metodológicos em educação**, Coleção Formação do Professor, 5. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2011. p. 3551.
- BRASIL. **Resolução nº 446/2012, de 12 de dezembro de 2012**: dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, 2012.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CANIATO, A. M. P.; NASCIMENTO, M. L. V. A subjetividade na sociedade de consumo: do sofrimento narcísico em tempos de excesso e privação. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 25-37, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v62n2/v62n2a04.pdf>>. Acesso em 10 fev. 2017.
- CASTRO, G. G. S. Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado. **pragMATIZES - Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**. n. 6, p. 58-71, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.pragmatizes.uff.br/revista/index.php/ojs/article/view/55/47>>. Acesso em: 19 fev. 2017.
- CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CEU. **Construção de um novo bloco**. 2015. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/ceu2/site/>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

- CIDADES. **Rio Grande do Sul**: Santa Maria. 2017. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=431690>>. Acesso em: 07 fev. 2017.
- CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p. 17-58.
- DESPRET, V. Leitura etnopsicológica do segredo. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 5-28, jan./abr. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n1/v23n1a02.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2017.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. (1979) O uso dos bens. In: \_\_\_\_\_. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 101-118.
- ECKERT, C. Questões em torno do uso de relatos e narrativas biográficas na experiência etnográfica. **HUMANAS**, Porto Alegre, v. 19, n. 1-2, p. 21-44, 1996-1997.
- FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Rev. Bras. Educ.** [s.l.], n. 10, 1999.
- FRIGIOLA, H. N. **The meanings of dogs and cats in u. S. American culture based on movies, cartoons, and consumer goods**. 2009. Thesis (Master of Science)-Faculty of Purdue University, Lafayette, Indiana, 2009.
- GIARD, L. História de uma pesquisa. In: CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 12.
- GROSSI, M. G. R. et. al. A utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação nas redes sociais pelos universitários brasileiros. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 4-23. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2014v10n1p4/27423>>. Acesso em: 26 fev. 2017.
- GUARESCHI, P. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, A. **Representando a Alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- GUARESCHI, P. A. Pressupostos metafísicos e epistemológicos na pesquisa. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 245-255, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a04v16n2.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2017.
- GUARESCHI, P. **Psicologia Social Crítica como prática de libertação**. 4.ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- HARAWAY, D. J. Manifesto Ciborgue: Ciência. Tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.). **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do Pós-humano**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

JARARACA. **Fotos da UFSM e de Santa Maria/RS**. 2009. Disponível em: <<http://jararaca.ufsm.br/websites/xxviiseurs/f4c790430819e0422cb78306d97d5873.htm>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Soc. estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, dez. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922009000300004&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922009000300004&lng=en&nrm=isso)>. Acesso em: 14 fev. 2017.

JODELET, D. Problemáticas psicossociais da abordagem da noção de sujeito. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, n. 156, p. 314-327, jun. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742015000200314&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000200314&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 16 abr. 2017.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008.

KANAN, L. A. Consumo sustentável & economia solidária: alguns conceitos e contribuições da Psicologia. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 607-624, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v23n3/v23n3a11.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

KLAUTAU, P.; SALEM, P. Dependência e construção da confiança: a clínica psicanalítica nos limites da interpretação. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 33-54, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v11n2/v11n2a02.pdf>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

KIM, J. H. Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 21, p. 199-219, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20625.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2017.

LEMOS, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

LEMOS, A. Cidade-ciborgue: a cidade na cibercultura. **Galáxia**, n.8, p.129-148, Out. 2004. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1385/866>. Acessado em: 15 jul. 2015.

LEMOS, A. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, mídia e consumo**, v. 4, n. 10, p. 23-40, 2007. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/DHMCM.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2015.

LÁRIOS, A. **Estudo e construção de cenários para a telefonia móvel celular no contexto brasileiro**. 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado em Administração)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

LÁSEN, A. Affective Technologies: emotions and mobile phones. **Surrey: The Digital World Research Centre**, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/xJyzbO>>. Acesso em: 18 set. 2015.

MANCEBO, D. et al. Consumo e subjetividade: trajetórias teóricas. **Estudos de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 325-332, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a13v07n2.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

MARKOVÁ, I. Constitution of the self: intersubjectivity and dialogicality. **Culture & Psychology**, v. 9, n. 3, p. 249-259, 2003.

MARKOVÁ, I. **Dialogicidades e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

MENESES, U. T. B. de. A psicologia social no campo da cultura material. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, n. sér., p. 283-90, jan./dez. 1996. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v4n1/a19v4n1.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

MILLER, D. Consumo como cultura material. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre , v. 13, n. 28, p. 33-63, Dez. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832007000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 08 mai. 2015.

MILLER, D. **Trecos troços e coisas**. Estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro : Zahar, 2013.

MILLER, D. et. al. **How the world changed social media**. London: UCL Press, 2016. Disponível em: <<http://discovery.ucl.ac.uk/1474805/1/How-the-World-Changed-Social-Media.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2017.

MIRANDA, L. L.; MOURÃO, L. C. C. B. Escrever com: o que isso (re)significa? **Rev. Polis e Psique**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 162-175, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v6n1/n6a13.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

MOURA, M. A.; MANTOVANI, C. A. Fluxos informacionais e agregação just-in-time: interações sociais mediadas pelo celular. **Revista TEXTOS de la CiberSociedad**, [s.l.], n. 6, 2005. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=74>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

NEVES, V. F. A. Pesquisa-ação e Etnografia: Caminhos Cruzados. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 1, n. 1, p. 1- 7, 2006.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Psicologia**: teoria e pesquisa, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 193-202, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n2/a09v18n2.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

NOVAES, A. Subjetividade social docente: elementos para um debate sobre “políticas de subjetividade”. **Cadernos de pesquisa**, v. 4, n. 156, p. 328-343, 2015.

OLIVEIRA, A. S. de. **Smartphones e trabalho imaterial**: uma etnografia virtual sobre sujeitos usuários de dispositivos móveis convergentes. 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. **Lei de uso do solo do município de Santa Maria – RS**. Santa Maria: Secretaria de Município de Gestão e Modernização Administrativa, 2009. Disponível em: <  
[https://www.santamaria.rs.gov.br/docs/leis/lm\\_72\\_uso\\_solo.pdf](https://www.santamaria.rs.gov.br/docs/leis/lm_72_uso_solo.pdf)>. Acesso em: 14 fev. 2017.

QUEIROZ, D. T. et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Rev. Enferm.** Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007.

ROMANI, P. F.; WINCK, G. E.; STREY, M. N. Consumismo na pós-modernidade: uma questão de gênero? **Ciências Sociais Unisinos**, v. 49, n. 3, p. 263-268, set./dez. 2013. Disponível em: <  
[http://www.revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/viewFile/csu.2013.49.3.05/3824](http://www.revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/viewFile/csu.2013.49.3.05/3824)>. Acesso em: 4 fev. 2017.

ROMANINI, M.; ROSO, A. Mídia, ideologia e cocaína (crack): produzindo refugio humano. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 18, n. 3, p. 373-382, set./dez. 2013. Disponível em: <  
<http://www.scielo.br/pdf/psuf/v18n3/a04v18n3.pdf>>. Acesso em 09 fev. 2017.

ROSO, A. (org.). **Crítica e dialogicidade em Psicologia Social**: saúde, minorias sociais e comunicação. Santa Maria: EDUFMS, 2017.

ROSO, A. et al. Ensino, pesquisa e extensão em psicologia: quando estudar drogas não é nenhum bicho-de-sete-cabeças. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, v. 36, ed. esp., p. 96-109, jan./jun. 2012. Disponível em: <  
<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2929/2107>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

SILVA, N. dos S. **Representações sobre “novas tecnologias” no fluxo publicitário televisivo**. 2016. 264 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2016.

SILVA, S. R. **Estar no tempo, estar no mundo**: a vida social dos telefones celulares em um grupo popular. 2010. 443 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

SILVA, S. R. da. Eu não vivo sem celular: sociabilidade, consumo, corporalidade e novas práticas nas culturas urbanas. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-17, jul./dez 2007.

SIMMEL, G. Sociability. In: WOLFF, K. H. (Ed.) *The Sociology of Georg Simmel*. London: The Free Press, 1950. p. 40-57.

SLATER, D. O uso das coisas. In: \_\_\_\_\_. **Cultura de consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002. p. 147-169.

SOARES, S. S. D.; CÂMARA, G. C, V. Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes. **Pretextos**, v. 2, n. 1, 2016.

SOUSA, C. P. de; NOVAES, A. de O. A compreensão de subjetividade na obra de Moscovici. In: ENS, R. T., VILLAS BÔAS, L. P., BEHRENS, M. A. (Org.). **Representações sociais: fronteiras, interfaces e conceitos**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013. p. 21-36.

TELECO. **Internet no Brasil: estatísticas**. 2016. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/internet.asp>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

TELECO. **O crescimento do celular em 2008 foi recorde, e em 2009 como fica?** 2009. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/comentario/com297.asp>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

TELECO. **Os smartphones estão se tornando o principal dispositivo de acesso à internet**. 2014. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/comentario/com562.asp>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

TOMM, E.; ROSO, A. Adolescentes e crack: pelo caminho das pedras. **Fractal: revista de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, p. 675-692, set./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v25n3/a16v25n3.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Cidade universitária: campi** Santa Maria: mapa. 2017b. Disponível em: <<http://site.ufsm.br/arquivos/static/mapaufsm/Mapa%20-%20UFSM.html>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Indicadores**. 2017a. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=-E\\_rkXIEsLo](https://www.youtube.com/watch?v=-E_rkXIEsLo)>. Acesso em: 16 fev. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **UFSM: Universidade Federal de Santa Maria**. 2012. 29 diapositivos, color.

VELHO, G. **Antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WEINBERGER, D. **Why Open Spectrum Matters: the end of the broadcast nation**. 2003. Disponível em: <<http://www.evident.com>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

WINOCUR, R. **Robinson Crusóe ya tiene celular: la conexión como espacio de control de la incertidumbre**. México: Universidad Autónoma Metropolitana, Unidad Iztapalapa, 2009.

YOUNG, K. S.; ABREU, C. N. de. (Col.). **Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Grupo A; Artmed, 2011. Disponível em: <<http://www.dependenciadeinternet.com.br/nabucocap08.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

ZANELLA, A. V. **Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas.** Porto Alegre: UFRGS, 2013.

## APÊNDICE A – FOLDER CHAMADA PESQUISA: ENCONTROS DIALÓGICOS



Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
 Departamento de Psicologia  
 Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
 Grupo de Pesquisa “Saúde, Minorias Sociais e Comunicação”



### Seleção Para Participar de Pesquisa:

RELAÇÕES AMOROSAS, SUBJETIVIDADES E O USO DE *SMARTPHONES*

**O QUÊ?** Gostaríamos de conversar com estudantes moradores da CEU II ou da União Universitária sobre o uso celular.

**POR QUÊ?** Estamos fazendo uma pesquisa sobre relações amorosas, subjetividades, o uso de *smartphones* e a experiência de morar no campus

**QUEM?** Basta querer conversar sobre essas questões

**PROCEDIMENTOS?** Entrevista informal de 1 hora aproximadamente, com compromisso de preservar sua identidade (anonimato)

**ONDE?** Você escolhe!

**Contatar:** Mestranda Psicóloga Luiza Sbrissa  
 e-mail [luizasbrissa@gmail.com](mailto:luizasbrissa@gmail.com) ou whatsapp (55) 99369932 ou inbox pelo Face

**Coordenação/Orientação:** Profª Dra. Adriane Roso



## APÊNDICE B – ROTEIRO DE APOIO PARA A PESQUISA

### Dados sociodemográficos

(Estes foram entregues, os participantes preencheram e tornaram-se dados do perfil)

- 1 - Quantos anos você?
- 2 - Gênero:
- 3 - Qual etnia/raça você se autodeclara? (Etnia/Raça)
- 4 - Qual teu estado civil?
- 5 - Tem filhos?
- 6 - Em que cidade tu nasceu?
- 7 - Em que cidade tu morava antes de vir para Santa Maria?
- 8 - Que curso você faz? Que semestre está?
- 9- Exerce alguma atividade extracurricular? Como por exemplo, ser bolsista? Se sim o que faz?
- 10- Você está morando na União Universitária ou no CEU II?

### Roteiro de apoio

#### Eixo 1 - Sobre a vivência na União e na Casa

##### Perguntas gerais: experiência de moradia coletiva:

- Como é viver na universidade?
- O que tu pode dizer até o momento sobre a vivência na união? O que tu espera da Casa?
- Como é conviver com várias pessoas diferentes em um mesmo espaço?
- Como é viver na casa como um todo?
- Como tu te sente morando aqui? O que tu mais gosta aqui? O que menos gosta?

##### Estrutura:

- Com quantas pessoas tu mora?
- Como é teu apartamento?
- O que tu acha dele?
- Quais objetos mais importantes no teu quarto? O que eles dizem de ti?
- Como é viver nele?
- Desde quando mora neste apartamento?
- O que se faz pra socializar aqui?
- Como faz pra socializar?
- A união, casa proporciona conhecer, mais pessoas?
- A união/casa proporciona se relacionar com mais pessoas?

## **Eixo 2 - Aspectos do consumo dos *smartphones***

Sobre o *smartphone*, sobre a aquisição e sobre como ele é:

- Que marca é? Por que escolheu essa marca?
- O que levou em consideração no momento da compra?
- Quem comprou?
- Quando comprou teu primeiro *smartphone*?
- Qual operadora? Por que essa?
- Quem ou como sustenta financeiramente o *smartphone*?
- Como faz para mantê-lo? Tem 3g?
- O que falta no teu *smartphone*?
- Tem algo nele que o faz diferente dos demais?
- Tem na sua cidade internet?
- E a bateria? Que estratégias usa para manter carregado? Sobre carregadores? Que situações aconteceram por estar sem bateria?
- Quanto tempo dura a bateria? Já ficou sem bateria? Como te sentiu? O que aconteceu? Tem um carregador extra?
- O seu *smartphone* possui acessórios? O que eles dizem de ti? Como e por que os escolheu?
- Como tu imagina que vão ser os *smartphone* daqui a 10 anos?

## **Eixo 3 - *Smartphones* como dispositivos de mediação**

Por que, como e quando a pessoa o usa:

- Pra que você usa o celular no teu dia-a-dia?
- Quando tu usa? Tu nota que tem situações, momentos ou lugares nos quais tu usa mais? Por quê?
- Onde fica o teu celular no teu dia-a-dia?
- Quais aplicativos tu usa mais? E porque esses aplicativos se tornaram necessários?
- Tu mantém tuas relações cotidianas pelo *smartphone*?
- Já teve algum celular estragado, quebrado, roubado?
- Usa o *smartphone* quando viaja ou sai de férias? No que mais o usa?
- Já ficou sem usar o celular por um tempo? Por quê? Como foi?

## **Eixo 4 - *Smartphones* na produção de subjetividades**

Sobre a visão da própria pessoa em relação ao seu uso do *smartphone*:

- O uso do *smartphone* te traz mais benefícios ou malefícios?
- Acha que o *smartphone* te traz algum problema de saúde?
- E o que há de singular na história e na relação com o *smartphone*.
- O que mudou na sua vida desde a aquisição do *smartphone*?
- O que o *smartphone* significa para ti?
- Quando chega em casa o que faz com ele? E quando você dorme?
- Usa mais quando está sozinho(a) ou quando está com alguém? O que imagina que esta pessoa está pensando ou sentindo quando isso acontece? Já aconteceu alguma situação que viesse a saber?
- O *smartphone* já te ajudou em uma situação difícil na tua vida?
- Se teu *smartphone* fosse um outro objeto, qual seria?
- Teu *smartphone* possui senha? Como escolhe a senha? Por que possui? Troca a senha? Tu disponibiliza tua senha pra alguém?
- O que você pensa de alguém próximo a ti que possui um celular com senha? Já aconteceu alguma situação relacionada à senha?
- O que o celular já fez tu sentir?
- Quais tipos de emoções tu já sentiu diante da visualização das redes sociais?
- Tu acha que é um dispositivo de controle, de vigilância?
- O que tu acha que mudou nas tuas relações com a possibilidade da internet e do celular?
- Já usou a câmera do celular para algum momento/cena importante da relação? Como é pra ti a exposição? Do que mais tu tira fotos? Selfies? Com outras pessoas? Pra que? O que tu quer expressar? E que relação tem isso com possíveis parceiros, paqueras, pessoas interessadas?

### **Eixo 5 - Smartphones como uma tecnologia afetiva na produção de histórias de amor**

#### Relações amorosas:

- Como é a questão da paquera aqui?
- Morar na Casa afeta o modo como você se relaciona mais intimamente com alguém? De que modo?
- Namora, é solteira(o) ou casada(o)? Moram na mesma cidade ou cada um em uma?

#### As relações amorosas na interface com os smartphones:

- Usa ou já usou o *smartphone* para paquerar?
- Já conheceu alguém por meio das redes sociais? E se relacionou com essa pessoa?
- Qual o papel do celular nas tuas relações amorosas?
- Usa o *smartphone* para manter uma relação amorosa?
- Como se faz atualmente para se ter uma relação?

- Usa ou já usou algum aplicativo de paquera? Como foi?
- O que tu procura nesses aplicativos? Mais de uma coisa? Depende do que?
- O que tu espera dos relacionamentos, das pessoas que tu conhece, que entra em contato?
- O que é um relacionamento amoroso pra ti?
- O que tu sente que as pessoas em geral esperam hoje em dia dos relacionamentos amorosos?
- Seu parceiro(a) possui *smartphone*? Como o *smartphone* entra nessa relação?
- Que recursos usa mais para se comunicar? Escrever, falar, mandar áudios? Tem diferenças nesses recursos?
- O celular já causou conflitos nos teus relacionamentos?
- Com que frequência fala com seu parceiro(a) pelo *smartphone*? Por meio de quais recursos? Em que momentos do dia?
- Usa o *smartphone* da mesma forma ou de forma diferente quando está namorando ou quando está solteiro(a)? O que muda?
- Tu nota diferenças culturais em se tratando de relacionamento aqui e da cidade de onde você veio?
- Que significados tem a curtida, o comentário o compartilhamento?
- Já entrou em alguma mídia social ou celular e aplicativos do parceiro? Tem vontade? Como tu se sente com alguém usando teu celular? Quais limites entre o celular de um celular de outro? Que relação tem entre espaços privados? Como é pra ti deixar teu celular nos lugares? Tem lugares que tu não deixa?